

Revista LiteraLivre

Edição 02 - Março de 2017

Literatura com Liberdade



Edição 02 - Março de 2017

Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Editora-chefe**:** Ana Rosenrot

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: https://pixabay.com/pt/arte-grafite-pintura-arte-de-rua-1842288/

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.

Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.



Editorial

Orgulhosamente trago a 2ª Edição da Revista LiteraLivre e com certeza, repetiremos o sucesso e a receptividade da primeira edição.

Graças ao formato digital e ecológico que não possui fronteiras, a efetiva participação de nossos autores e ao carinho dos leitores, estamos conseguindo cumprir a meta principal da revista: levar e divulgar a língua portuguesa pelo mundo.

Para homenagear o mês da mulher trouxemos uma bela capa e alguns textos com este tema tão especial. E nosso lema: "*Literatura com Liberdade*" nos brindou com textos de um ecletismo incrível, num misto dos mais variados temas e estilos, proporcionando ao leitor uma leitura variada e de qualidade.

A partir deste número, passaremos a aceitar também tirinhas, quadrinhos, foto-poemas, haikais com imagem, fotos autorais e gravuras, dando um colorido a mais na revista e oportunidade de divulgação para outros gêneros artísticos.

Parabéns aos escritores que estão conosco nesta edição, muito obrigada a todos os 356 inscritos e principalmente aos leitores de todos os lugares; a revista não existiria sem vocês!!

Boa leitura e até maio!

Ana Rosenrot
Editora- chefe

Neste número

Coluna CULTíssimo....1
Mulheres e a Diversidade....4
A CARONA DE CARONTE....5
A Verdadeira Beleza....6
Aquela música....8
ATRÁS DESSE GATILHO....9
AUSÊNCIA....11
Autossuficiência Insuficiente....13
BRASIL-VERDE-E-AMARELO!....14
Breve Perfil....16
Cai a Chuva (All Right!)....18
Com Outros Olhos....19
Criança Noturna....20
De mãos dadas....21
DEBUTANTE....22
Desejo De Viver....24
DIREITOS DE TODA MULHER....25
Do Ímpeto Criativo....29
DOCES VALES MORTOS!....30
DOS AMORES DIVIDIDOS E MULTIPLICADOS....32
É Suave A Noite....34
EROTIC SAPIENS....35
Escrever Porque É Preciso....36
Eu sinto, tu sentes, nós sentimos!....38
EXPLICAÇÃO....39
FORÇA DE MARÉ....40
Fragata....41
“GRANDES” Poemas....42
HAIKAI ENGRAÇADINHO....43
LADO B....45
Lembranças....49
Lugares Marcados....50
MAMPITUBA....53
MARGINALIZADOS....58
Marteando....59
MENINA NUVEM....60
Meu berço....61
Miniconto....62
Mulher....63
NO ESCURO....64
No Poço Da Morte Uma Luz Brilhava....65
O Mar me confessou....67
Oh, Boy....69
Os Cata-Ventos....71
Palavra nata e inata de ser....73
Pecados....74
Perto....76
Poesia Insana....77
Poetando....78
Psicopoesias....79

Queremos teu sorriso de volta!....80
Reincidente Intemporal....82
RESPOSTA....87
SEM SINAL....88
Sob Vênus e Marte....91
SONETO DA MOÇA DE PEDRA....93
"Tristeza Perfumada"....94
Um Homem Plural....95
UM RETRATO DE MIM....96
Um vago solilóquio....98
Variações Da Mesma Mulher: Inverno....99
Vezes....100
Você Já Reparou Nos Olhos Dela? São Assim, De Cigana Oblíqua E Dissimulada....101
Xawdoon....103
Zoometarquia....104
Conheçam e Ajudem a Ong TETO....106
Participem do II Festival POE....109
Horror Alternativo – Site Especializado em Terror....111
Inscrições abertas para o Corvo de Gesso 2017....112
Coletânea Exercício Poético Com Imagem - 3ª Edição....113
LiteraAmigos....114

Não deixem de participar da próxima edição!!
Quem está participando deste número também pode enviar novos textos, todos são bem-vindos!!
A participação é gratuita!!

Envie sua arte para:

revistaliteralivre@yahoo.com

As inscrições para a 3ª Edição da Revista LiteraLivre
já estão abertas.

A revista será publicada na segunda quinzena de maio

Acesse nosso site, leia o regulamento e envie seu trabalho

O prazo para recebimento é até 20/04

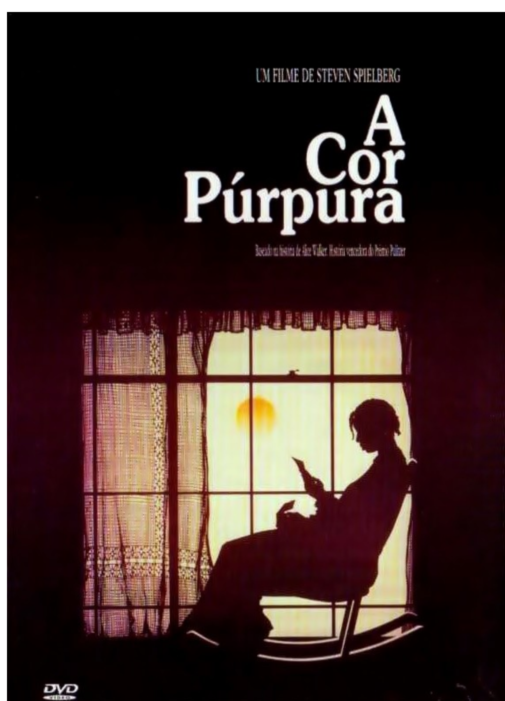
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar



CULTíssimo

Ana Rosenrot

Coluna CULTíssimo



Mantida como escrava em sua própria casa, acostumada a todo tipo de agressão desde a infância, vítima de seu gênero e de sua raça e invisível perante a sociedade; esta é a vida da bondosa e inocente *Celie*, uma mulher sem sobrenome e sem voz que não pensava em mudar de vida ou se defender dos abusos que sofria, ela só queria viver da melhor forma possível. Contar sobre uma vida assim pode parecer sem sentido, sem glamour, mas *Celie* em sua aparente insignificância tornou-se a figura central de um dos filmes mais emocionantes da história do cinema: "A Cor Purpura"(The Color Purple). Magistralmente dirigido por *Steven Spielberg* (dando uma guinada certeira em seu trabalho) e baseado no livro homônimo da escritora e ativista americana *Alice Walker* (que conheceu a pobreza e o racismo de perto e recebeu o Prêmio Pulitzer e o American Book Award por esta obra), *"A Cor Púrpura"* retrata 40 anos de vida da personagem *Celie (Whoopi Goldberg)*, uma mulher pobre, negra e semianalfabeta, que vive na Geórgia e sente na pele o drama da mulher afro-americana no período pós escravidão; a saga começa com *Celie* adolescente e grávida pela segunda vez do pai que a violentava, mas seu segundo filho é levado embora ao nascer da mesma

forma que o primeiro e *Celie* é descartada pelo pai que a "entrega" ao maldoso *Albert (Danny Glover)*, um viúvo que a abriga a trabalhar e cuidar de seus filhos malcriados e desconta em *Celie* a frustração e o ódio por não ter se casado com *Shug Avery (Margaret Avery)*, sua paixão de juventude. Com *Albert*, a obediente *Celie* é obrigada a suportar violência física e psicológica e viver uma vida de humilhação e profunda tristeza. Após perder a companhia de sua irmã *Nettie (Akosua Busia)*, que vai com um casal de missionários para a África, depois de ser expulsa por *Albert*, ela passa a compartilhar seu sofrimento em um caderno, onde escreve cartas para Deus.



Depois de suportar anos de solidão e submissão, duas mulheres fortes e lutadoras surgem em sua vida fazendo-a conhecer outra realidade: *Sophia (Oprah Winfrey*, numa atuação surpreendente), esposa de *Harpo (Willard E. Pugh)*, filho de *Albert*, mulher trabalhadora e corajosa e *Shug Avery*, que passa a viver em sua casa, fazendo uma reviravolta na vida de todos.



A convivência nem sempre pacífica destas três mulheres tão diferentes e tão iguais ao mesmo tempo mudará seus destinos e *Celie* encontrará dentro de si mesma a coragem necessária para lutar por sua liberdade e a esperança de reencontrar os filhos e finalmente ter um futuro feliz e digno.



Considerado um dos filmes mais injustiçados pelo *Oscar* (recebeu 11 indicações e não levou nenhum prêmio), *"A Cor Púrpura"* é um filme inesquecível, com fotografia belíssima, atuações emocionantes, trilha sonora magnífica, diálogos fortes e realistas; uma obra que fala abertamente sobre,

machismo, preconceito, dependência na relação conjugal, ódio, homosexualidade, a gravidade da violência e as consequências do abuso na vida das pessoas; temas infelizmente atuais e presentes na vida de milhares de mulheres ao redor do mundo.

Mas é também um filme que fala sobre amor, sororidade, esperança, redenção, afeto e superação pessoal.

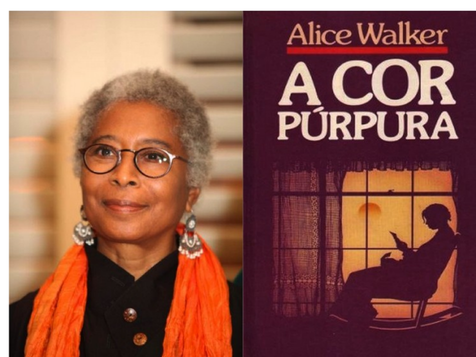
Assistam com o coração aberto e pronto para se emocionar, lembrando que existe uma Celie em cada um de nós. Até a próxima!



Sinopse: A Cor Púrpura (The Collor Purple – 1986 – U.S.A.)
Georgia, 1906. Em uma pequena cidade, Celie (Whoopi Goldberg), uma jovem com apenas 14 anos que foi violentada pelo pai, se torna mãe de duas crianças. Além de se tornar infértil, Celie imediatamente é separada dos filhos e da sua única amiga: a irmã Nettie (Akosua Busia). A garota é vendida para o "Senhor" (Danny Glover), que a trata simultaneamente como escrava e companheira. Grande parte da brutalidade do "Senhor" provém de sua forte paixão por Shug Avery (Margaret Avery), uma sensual cantora de Blues. Celie fica muito solitária e compartilha sua tristeza em cartas (a única forma de manter a sanidade em um mundo onde poucos a ouvem), primeiramente com Deus e depois com a irmã Nettie, missionária na África. Contudo, o casamento forçado com o "Senhor" permite que ela entre em contato com Sofia (Oprah Winfrey), que é esposa de Harpo (Willard E. Pugh), e com Shug Avery, o que dá forças à protagonista para que ela possa seguir em frente com sua vida**.**

Gênero: Drama – **Classificação:** 16 anos

Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br
https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot





Mulheres e a Diversidade

Imagem Mariana Rodrigues – São Paulo – SP

Protestos pelos Direitos da Mulher em São Paulo no dia 8 de março de 2017.

A CARONA DE CARONTE

Ricardo Mainieri – (Dico)

Porto Alegre/RS

Amigos cruzam a outra margem do rio. Sem se despedirem. Deixam para trás, um tempo de memórias. E de possibilidades. Quem sabe Caronte ainda tenha de esperar, mais um pouco. Preciso de algum tempo para cumprir minha sina.

http://www.mainieri.blogspot.com



A Verdadeira Beleza

Mônica Da Silva Costa

Jacarezinho/PR

Todo mundo aprecia
a beleza exterior,
mas há outro atributo
que tem muito mais valor...

O que se vê com os olhos
pode se tocar com a mão;
o que é belo por dentro
se sente com o coração...

Os olhos veem por fora
a impressão do momento;
a alma sente mais tarde
o que se passa por dentro...

O que é belo por fora
nem sempre é belo por dentro:
o externo é passageiro,
vai-se embora com o tempo...

É a beleza exterior

que a todos apetece,
mas o que é belo por dentro
é o que fica, permanece...

Nada há que se compare
à beleza interior -
essa virtude sublime
está ligada ao amor...



Aquela música

Lenilson de Pontes Silva
Pedras de Fogo – PB

Junto com a TV,
Junto com o rádio,
Junto com a vizinhança
Até uma criança
Traz-me essa lembrança.
E com ela se comprova
Nem que seja um verso tocado,
Quando é soada...
Se ao soar,
Faz-te lembrar.
Como as ondas ao tocar
Nossos pés a clamar:
Amo-te.



ATRÁS DESSE GATILHO

Bruno Ribeiro Marques

Divinópolis/MG

Atrás desse gatilho
há uma infinidade de dedos escondidos...

Dedos que se põem a represar riquezas
e que se enfeitam com os anéis da hipocrisia.
Dedos que debulham trágicas notícias
e plantam ódio em corações desavisados.
Dedos destros que constroem mentiras
e disseminam pacotes com enganos embrulhados.

Atrás desse gatilho
há dedos ávidos por dízimos e suores alheios...

Dedos que lustram seus próprios umbigos
e se empanturram de capitais acumulados.
Dedos que não enfrentam fila ou batem ponto,
mas que oprimem e devoram outros dedos mais minguados.
Dedos de toga, de jaleco, de gravata ou paletó
A triturarem a exangue liberdade até o pó.

Atrás desse gatilho
há dedos hábeis em conduzir marionetes...

Dedos que produzem realidades maquiadas,
adequando-as às suas pretensões de gozo e poder.
Dedos que temem a perda de privilégios
e se cobrem com o manto de falsos discursos e orações.
Dedos que promovem a intolerância e a covardia
Dedos malditos que alimentam cemitérios e prisões.

Sim,
Uma infinidade de dedos se esconde atrás deste gatilho.
Camuflam-se, cínicos, na cega escuridão da ignorância.
Atuam em finas luvas, a transformar a vítima em algoz.

Entretanto,
há bocas jovens, salivas inquietas, lábios sorridentes,
E por mais que os dedos tentem
Jamais irão tapar uma só voz.

https://www.facebook.com/brunorybeiromarques/



AUSÊNCIA

Luanda Julião

São Carlos – SP

A sua ausência em mim pesa
Se mescla ao silêncio das horas
Delonga a demora do agora
Mitiga o sorriso em meu rosto
Tira o meu sono,
Dói os meus ombros
Gera em mim engodo, desgosto
Sabor rancoroso
Em minha face estampa o malogro
Que não me deixa por nada

Sangrei com tua partida
Pelas veredas dessa vida
Perdida, cá estou
A beleza se amargou
Retraída, em mim secou

O vazio que você deixou
Ninguém, nada preencheu
O amor que era só seu
Em mim, não se abateu
Continua abafado, delgado, calado, contido,
Em estufa, num abrigo, protegendo-se do frio,

Do cinza que ficou

As coisas que em mim você deixou
Estão no mesmo lugar
Não mexi, nem mexeram
Ficaram marcadas, guardadas no tempo
A espera do dono que não vai voltar
A saudade se alonga,
Espera antídoto, asilo, exílio tranquilo, fim do martírio
Não vem, me retém, faz refém
Minhas lágrimas
Vertidas sem reprimendas
Clamam teu fogo, tua chama
Sozinha, não inflama
Por ti reclama
Em zanga, não te encontra não.

Nas ondas da memória quero ficar, navegar
São nelas que ainda posso te encontrar
Encontrar forças e levantar
O verão esperar
E no sol te encontrar
No luar te contemplar
Nas estrelas te buscar

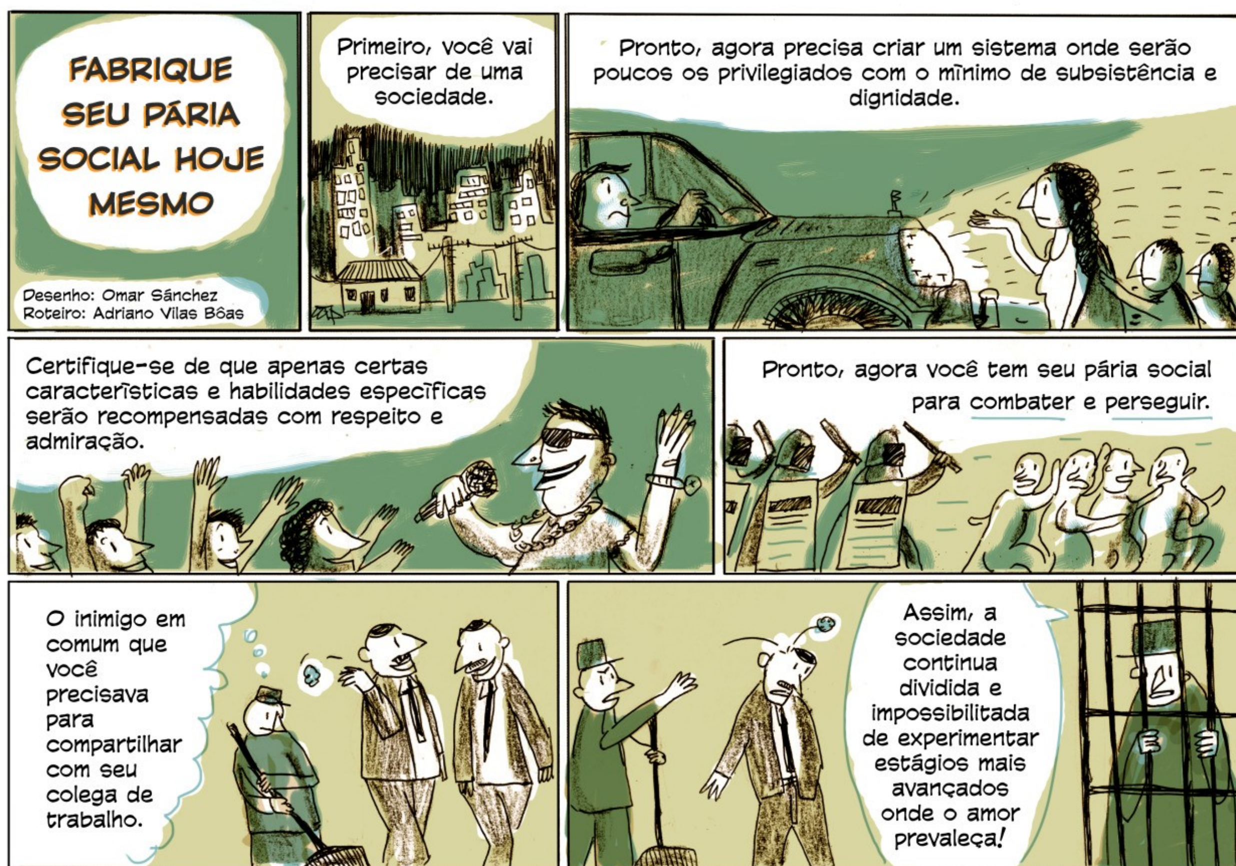






Autossuficiência Insuficiente

Omar Sanchez – Popayan/Colombia (desenho)
Adriano Vilas Bôas – Jacareí/SP (roteiro)



http://autossuficienciainsuficiente.tumblr.com/

BRASIL-VERDE-E-AMARELO!

Edinaldo Reis

Santa Luzia-MA

Aprender a contornar
Com o lápis singelo
Pintar meu hábitat
De verde e amarelo
Meu mundo brasileiro
Tem sabor de marmelo
A simpatia do povo
É chocolate e caramelo
É mais fácil simplificar
As coisas da vida
O brilho da simplicidade
Deixa ela mais distinta
O vento vai embalando
As ondas do nosso mar
Carregando tantas nuvens
Ninguém sabe explicar
Também espalha as flores
Da nossa linda primavera
Viajando nesse sonho
Fabulizamos uma quimera
Nosso povo é mesclado

Qual arco-íris colorido
Um sorriso diferenciado
Qual um parque florido
Vivemos, e renascemos.
Num mundo verde e amarelo
Onde a popular e a elite
Dividem um só castelo.

Quero muita paz
Quero mais igualdade
Quero ver brilhar
Muito mais felicidade
Quero ver as matas
Verdejantes e preservadas
Quero ver a riqueza
Em todas as camadas
Quero amar, Quero sonhar;
Quero ver e ter prazer...
Quero sempre poder dizer...
Que o meu país
Tem sabor de marmelo
Que o meu Brasil
É todo verde e amarelo.



Breve Perfil

Thássio Ferreira

Rio de Janeiro/RJ

Nas costas tatuara,
na pele mais próxima
à própria alma,
imagem sua
de liberdade.

Expirava um pouco de si,
sem pressa, porém
sem calma,
(distraído...)
a cada palavra soprada.

Quando sorria,
creio fosse de alegria
por compartilhar comigo
aquele tempo
de instantes tantos.

(Poderia dizer assim:
menino bonito, interessante,
desconhecido e interessado

faz-me sempre encanto.)
Ma(i)s não direi.

Calo.
Dar palavras a lembramentos
é gastá-los.
Hei de mais guardá-los
somente em mim.



Cai a Chuva (All Right!)

Edison Gil
Sorocaba-SP

Cai a chuva na avenida
Regressa bela em tua ida, (ah)
Molha a vida!
Cura a ferida!
Prende o mau tempo e lhe abriga...
Só pra dizer que o sol / nem sempre é / a porta da saída!

(All right!)

Cai a chuva na avenida!
Regressa bela em tua ida! (ah)
Rega a bebida!
Paixão proibida!
Que me faz feliz com tantas brigas...
Quem me dera ser / uma só gota / na tua descida!

http://fb.com/siredisongil



Com Outros Olhos

Lis Dianna
Cabo Frio/RJ

Não sei de verdade o que as construções antigas possuem que me encantam profundamente, fico imaginando quantas histórias há por trás de cada parede, cada objeto guardado. Uma casinha da década passada, uma pintura clássica, uma época e mil sentimentos.
Casas são livros, cidades são bibliotecas.

Andando por essas ruas conheci "um lugarzinho histórico e fascinante" lugar esse onde morou o famoso poeta Casimiro de Abreu, o qual deixou não apenas seu legado literário como também sua história registrada pelos muros de concreto. Era uma tarde de sol e o rio logo em frente á praça me parecendo uma linda fotografia antiga. Fui andando de bicicleta pelas ruas de pedras com as casinhas ainda fieis á sua arquitetura da época, então imaginei quantos rostos passaram por ali, pensei que talvez o próprio poeta tivesse o mesmo costume que o meu, ou quem sabe o que ele gostava de fazer naquela cidade. O que será que havia dentro daquelas casas?

Foram transformadas em bibliotecas, museus, restaurantes, porém dentro de cada cômodo eu sei que há o cheiro envelhecido do assoalho, a pintura descascada, tudo ainda preservado apesar do tempo. Senti-me privilegiada por morar ali tão perto e logo tão insensata por ter estado ali tantas vezes e nunca ter visto aquele lugar com a mesma intensidade com a qual eu agora eu via, parecia que aquelas ruas e aquelas construções não eram as mesmas.

A minha paixão, a minha curiosidade naquele momento seria mais imediata ou mais sensível do que todos os outros dias? Creio eu que não, não é preciso tanta sensibilidade para isso. Se outras vezes eu apenas via, naquele momento eu senti.

Senti aquelas casas, aquelas ruas, aquela praça, aquele rio e senti as histórias, a época, senti então o poeta. E quantas vezes vemos, mas não enxergamos. A pressa não nos permite admirar observar, a indiferença que nos torna distantes, e logo deixamos de descobrir tantas histórias e deixamos escapar tanta beleza bem diante dos nossos olhos.

Criança Noturna

VK
Novo Hamburgo – RS

Nunca tive medo do escuro.
Quando menor amava as estrelas tão vivas, e o silêncio que me acalmava e me fazia dormir.
Agora que cresci, nada mudou.
Ainda admiro o brilho vivaz dos astros já mortos.
Ainda me acalmo com o alto e eloquente silêncio que não me deixa dormir. Ainda sou uma criança, disfarçada.



De mãos dadas

Francisco A.S. Carmo
Santa Rita do Sapucaí – MG

E chega aquela hora em que só precisamos de uma mão amiga para nos amparar nos vai e vens dessa vida...

Mãos que nos sustêm, que nos suportam e que nos puxam à frente e que nos exortam.

Que rumo à liberdade nos guiam, livres e nos confortam...

E se num momento elas nos faltam é porque não temos a sapiência de abrir mão da vaidade, do orgulho ou do rancor...

E assim, estendermos as mãos ao Criador de toda existência para vivermos todo o seu poder e sua essência.

De mãos dadas vamos em direção ao futuro

Com os pés no chão, de peito aberto e com um coração espontâneo e verdadeiramente puro!

https://www.linkedin.com/in/francisco-de-assis/



DEBUTANTE

Soeli Tiegs – Curitiba/PR

Estava eufórica. Não parava de falar um minuto sequer. No entanto, após cinco meses de convivência, podia perceber certa dose de ansiedade.

- Acho que você vai gostar da minha família. Meu pai é um tanto conservador, vai lhe achar muito moderno, arrojado até, mas depois do primeiro contato, vai perceber o quanto você é econômico. E isto, para ele, é fundamental.

Cem quilômetros por hora.

- Vamos ver se você se porta direito. A cidade é uma coisa; lá na vila é bem diferente...

Pensei em iniciar uma sessão de "porquês", mas ela interveio:

- Minha mãe é de opinião que quem se preocupa com a aparência, não tem interior. Só quero ver o jeito dela quando perceber o quanto você é receptivo...

Eu já havia passado pelo crivo de seu irmão. Tem ciúme dela que só vendo. Quando saímos juntos, é ele quem comanda. Fixa o pé no acelerador, freia repentinamente, buzina, emite palavrões, rodopia, e eu, quietinho. Afinal, cunhado é prá essas coisas.

Verifica o velocímetro. Exasperara. Os buracos do asfalto emergem intensos e profundos. Surge a lua.

- As auto-estradas da Europa são bem melhores.

Estava tão bonita... Subitamente cerra os dentes. Isola-me por alguns instantes. Retorna.

- Desviei de um preá. Tive de trocar o pneu!

Essa sua mania de demonstrar independência me fascinava. Confesso que foi amor à primeira vista. Para não omitir, foi ao primeiro toque e, sinceramente, acho que o seduzido fui eu. Desde aquela manhã chuvosa nos vemos diariamente. Ela é um tanto inconstante. Vai para o ensaio – quer ser atriz, e eu aguardo ao relento, sereno na cara, frio pelo corpo todo. Alega que, se eu estiver por perto, não se concentra. Quando sai com as amigas, tomar sorvete ou uma cervejinha, diz que o assunto é de mulher, e eu quase derreto no sol. E por ela!

- Vou lhe mostrar tantos lugares. As vacas que ordenhei, o arroio em que pesquei, as árvores frutíferas, as taipas.

Sentia-a tão próxima. Encaixávamos perfeitamente.

- Você é tão macio...

Deslizávamos sob as árvores, onde pássaros trinavam sinfonias, e do sol emanavam os primeiros raios. Inicia um frenesi. Ela treme, eu trepido. Emaranhados, apercebemo-nos do cascalho.

- Agora só mais trinta e cinco quilômetros de estrada de chão e então chegaremos a Alto Bela Vista.

Comecei a ficar preocupado. Toda aquela poeira. Eu não poderia decepcionar. Ela prometera um "check-up", mas é tão ocupada...

Finalmente surge um cemitério, a escola, o salão de baile, a igreja em estilo gótico, uma estátua de enxada na mão, atravessamos um riacho e paramos em frente a uma vasta casa de madeira.

- Papai, mamãe, este é meu carro novo!



Desejo De Viver

Maroel Bispo
Feira de Santana – BA

Um sentimento latente na mente, vou morrer
Me persigo e sinto que algo vai acontecer
Vejo sombras distantes se aproximando
São seres estranhos de novo me tentando

Viver ou morrer eis a questão a decidir
Os mortais são assim na ânsia de existir
Jamais se contentam nesse mundo cão
Viajam e param no trem da emoção

Vi a morte me chamar e tentei isso ocultar
Não quis partir assim, comecei a prantear
A vida não me chamou mas eu a encontrei
Não é vã e tem sentido, por ela me apaixonei



DIREITOS DE TODA MULHER

JLucas

Porto Alegre-RS



I

Toda mulher
não pode se encolher.
Tem a liberdade e o poder
da sua profissão escolher.
Acolher os filhos que quiser
os frutos do seu trabalho
colher.
A liberdade do homem,
não pode tampouco
a dela tolher.

II

Para a sepultura

deve ir a cultura

dos homens machos

que comem

consomem



e sem explicação

somem.

III

Qualquer homem

vem de uma mulher.

Foi amamentado em seu peito

e depois de adulto

fere outra mulher no seu direito

apenas por conta do preconceito.

IV

O caminho da igualdade

e do respeito



é irregular e estreito

exige de toda mulher

coragem ao enfrentamento

á todos os sujeitos

que em busca do seu leito

se tornam suspeitos

para a perda de seus direitos.

V

Mulher

Amante

Mãe

Gladiadora

ou trabalhadora,

pouco importa.



O limite ao homem

é ela quem dá

na divisa da sua porta.

VI

O SIM

ou o NÃO,

é a linha que define

a sua decisão

e não pode nunca

justificar uma agressão.

Do Ímpeto Criativo

Gabriel Alencar
Boa Vista/Roraima

E a vontade louca de fazer tudo?
De escrever o que nunca foi escrito
De romper a barreira do conhecido.
E ainda assim permanecer, contudo.

Ei-la! Louca!
Impulsiona-me!
Carrega-me
Até que eu não seja mais.

Não me resta mais a mim
Sou fruto da coisa escrita
E, ao mesmo tempo, seu autor.

Que singular agonia da arte!
Em que a ordem é parte
Do meu interior maluco.



DOCES VALES MORTOS!

"SCHLEIDEN" Nunes Pimenta

Campo Belo/MG

Brasil!

Seus vales doces, profundos, doces vales
Brancos vales, vales brancos temerosos
Doces, temerosos vales agressivos, brancos
Íngremes, tão agressivos vales doces.
Eis, que temerosos, agressivos vales dos

Índios!

Apaixonantes, desafiam os olhares frios
Desses homens profundos e agressivos,
Temíveis homens brancos, frígidos,
Íngremes homens agressivos brancos
Da Europa, brancos dos vales frios

Profundos!

Invasores, brancos-negros que desafiam
Os vales apaixonantes, doces vales
Inocentes vales brancos, agressivos
Do Brasil de negros-brancos temerosos.
Vales doces, profundos índios inocentes

Apaixonantes!

Invadidos por brancos frios dos vales
Profundos, íngremes homens temíveis
Invasores dos vales doces, desafiados
Temerosos vales, invadidos vales brancos
Dos índios, inocentes apaixonados índios
Mortos!



DOS AMORES DIVIDIDOS E MULTIPLICADOS

Regina Ruth Rincon Caires

Campinas/SP

Arroz, feijão, mexido de ovo e farofa de torresmo.

Tudo misturado, amassado. Isso era feito dia após dia, sempre nos mesmos velhos e descascados pratos de ágate. Cada neto era servido com esse manjar dos deuses, carinhosamente temperado de generosidade, doação, amor.

A avó compactava a comida no círculo central de cada prato, borrifava algumas gotas de limão-cravo, e com a lateral do garfo fazia uma cruz no centro, dividindo a porção em quatro partes. Dizia que cada parte era dedicada a um dos quatro grandes amores da vida: mãe, pai, avó e avô.

E, comprometidos com esses amores, cada um de nós escolhia a parte mais amada para iniciar a refeição. Quase sempre a sequência lógica prevalecia: mãe, pai, avó e avô. Raras vezes essa harmonia era quebrada, e quando isso acontecia nem precisava investigar: havia uma surra atrelada a isso. Uma surra dada ou uma surra prometida. Se bem que isso era muito particular. Se havia alguma inversão, ninguém comentava. Acontecia dentro das cabecinhas. Sei que acontecia isso porque inverti algumas vezes.

Enquanto comíamos, a avó, de longe, sempre atarefada com a lida da casa, cautelosamente controlava a nossa alimentação. Era comum ouvir:

- Quem já comeu uma parte? Didi, você está sem fome? Lúcia, a comida não está boa? Faltou sal?

Ela sabia que a comida estava sempre boa. Nunca faltou sal e nem sobrou. Nunca errou a mão em nada. Ali estava o amor mais saboroso que uma criança poderia receber. Era uma cumplicidade de afetos tamanha que espantava qualquer insegurança, qualquer medo, qualquer tristeza. Era um porto seguro.

Com o passar do tempo, fui percebendo que naquela divisão faltavam partes. Havia mais dois amores a serem colocados ali, no meu prato. Meu irmão e minha irmã.

Então, sem alarde, comecei a repartir as porções do pai e da mãe, de modo a serem quatro. Ali estavam os dois que faltavam. E ficava feliz assim...

Fiz isso por algum tempo sem ser notada. Quero dizer, pensando não ser notada. Imagina se isso seria possível! Nada escapava da tenência sempre zelosa da avó. E um dia, enquanto eu multiplicava as minhas divisões, ela aproximou-se de mansinho e, com aquele olhar que jorrava ternura, me disse:

- Existem outros amores, não é mesmo, menina?!

Depois do susto, sentindo o afluxo do sangue ruborizando o meu rosto por perceber que ela havia descoberto o meu feito, e não querendo que ela se sentisse afrontada pela minha iniciativa, prontamente coloquei-me de pé. E ela, no intuito de me tranquilizar, passou as mãos pelos meus cabelos, e com a maior serenidade do mundo, me disse:

- Ao longo da vida, minha neta, você irá encontrar muitos amores. Alguns serão somados, outros nascerão... Serão tantos, mas tantos, que não caberão nem no maior prato do mundo!

E ela estava com a razão...

É Suave A Noite

Sonia Regina Rocha Rodrigues
Santos/SP

_Nut, a deusa da noite, estende seu manto negro para proteger o sono dos homens.
_Nut?
_Nut, a deusa da noite, cobre seus filhos com esse magnífico manto estrelado.
E enquanto minha tia falava, as últimas luzes do dia sumiram por trás da serra e escureceu. Era uma noite sem lua. Eu podia ouvir os vagalhões do mar e o farfalhar dos coqueiros soava mais alto. Milhares de sons apareciam com as trevas – sapos, corujas, mariposas em vôo. O mundo trocava as cores por sons. E a orquestração era magnífica.
Pude sentir os cheiros, que, à noite, ficam mais intensos. Lírios, camélias, damas da noite...e eu quase podia provar o mar no sabor salgado da brisa.
Ah! Como eu me sentia segura nos braços amorosos de Nut, que, nas minhas recordações, confunde-se com minha tia.
Por isso eu andava confiantemente pela casa às escuras, se acordasse com sede durante a madrugada. Por isso também era eu que, quando faltava energia, subia as escadas sozinho e ia à despensa buscar velas e fósforos.
_Tia, essa deusa Nut é de que país?
_Egito, meu amor.
_Aquele país das pirâmides e dos desertos?
_E dos faraós.
_Da Esfinge.
_Das tempestades de areia.
_Dos oásis.
_Dos camelos.
E assim os temores que eu nem chegava a sentir transformavam-se em exóticas maravilhas.
Aprendi a amar a noite, e decifrar em seus cheiros e sons tão bem quanto nas cores e formas do dia.
É por isso que durante as horas mais negras, eu prossigo como quem atravessa uma tempestade de areia no deserto, na certeza de que as tempestades passam, e há sempre um oásis um pouco mais adiante.

EROTIC SAPIENS

Elicio Santos
Ilhéus-Bahia

Estou de viagem no teu corpo, amor
Me dá direito à nova passagem
E que eu só vá até onde você por
Sua licença na minha bobagem

Eu tô a fim do cheiro bom
Que sai da luz do nosso encontro
Encanto, nem tanto, mais canto
Só no teu porto, tão flor de tom!

Estou de viagem no teu corpo, amor
Me dá passagem de novo: me atrase!
Não vou se você não for
Toda à vontade na minha bagagem

Meu ponto é você, mesmo no fim
Chego quando te avesso em mim
Porque nosso roteiro é o mesmo
Eu e você o tempo inteiro

Não compro seus centímetros, você sabe
Só sou sua casa quando a gente se cabe
Pele, toque, alma, quem sabe?
Nossa pobre, rica, louca, sóbria, verdade.

https://www.facebook.com/Elicio.Santos.Escritor.Brasil/?fref=ts

Escrever Porque É Preciso

Lucas Santos de Oliveira
Capão Redondo- SP

Como no cinema... me disseram "Ação!" e não tinha dublê
Queriam que fosse veloz e menos furioso, com a cara blasé
"Um pouco mais capitalista, combina com você"
Não se trata de ser otimista
É o jeito pra viver.
Mas ó só.
Não pensa tu que eu trabalho paradão.
O corpo é massa.
Mas Massa minha mente né não
E tá no pique F1
Correndo a milhão
A vida é tipo Interlagos
Que pega na curva os vacilão
Satan nas letras
Trucidando os otário iludido
Mostrando que a vida é a droga
E geral que usa ta perdido.
É essa a cena, cenário de comédia pastelão
Seria cômico se não fosse verdade
E por medo do poder da verdade
Os verme derruba até avião
Griot do século 21,
Passando a ideia certa adiante.
Buscar paz em meio a guerra
É um exercício desgastante.
Mas saca essa dica,
A rima que fica é possante
No Canto a Claudia me disse
Seja raro e rico! Brilhante!
"Morte às Vassouras" é clássico.
Fantástico.
Cês conhecem o Ni Brisant?
Se prepara mundão, pois cê ainda vai ver

O homem que falava javanês, perder a vaga
Pro preto que sabia escrever.
Então entendam o valor, e esqueçam o preço daqueles que como eu
Só querem dizer.
São os verdadeiros chegando no topo
E vai ser embaçado fazer nois descer
Presta atenção na importância
Ganância pequena:
Meu sonho é alguém chamar a ambulância
Pra outro alguém que leu meus poemas.
Deixo aqui o recado sincero, papo reto e sagaz.
Tamo tentando salvar o "mundo do número" com as letras
Não gostou?
Faz mais.

http://cadaversodestamente2.blogspot.com.br/



Eu sinto, tu sentes, nós sentimos!

Daniely Rodrigues Araujo
Corguinho - MS

Eu fui plural, tu fostes singular...
Tirou de mim o prazer de amar.
Contei-lhe verdades e meus segredos. ..
Deixastes comigo mentiras e medos!

Pensei que era amor, pensei que era nós!
O hoje, o agora, o antes e o após.
Sorri sem malicia, chorei feliz...
Não fui artista, não sou atriz.

Fiz planos futuros, planejei viagens...
Cultivei sonhos, tive miragens.
Fui porto seguro e navio de partida...
A garota boba aprendiz da vida.

Perdeu-se o ritmo de qualquer canção!
Não há motivo, nem explicação.
Em plena agonia, as faces molhadas...
Coração quebrantado, alma calejada.

Restaura, repara, constrói, recomeça...
Não tenho vontade, não tenho pressa.
Quem ama se arrisca, o amor é um risco!
Não sei se vou, se quero ou se fico.

Estou no conserto por algum tempo...
Talvez agora não fosse o momento.
Preciso de ar, de risos, de flores!
De sinceridade, de luz e de cores.

https://www.facebook.com/daniely.araujo2

EXPLICAÇÃO

Claudia Jeveaux Fim
Vitória / ES

Ando assim... sem voz, sem som.
Ando meio sem sair do lugar.
Ando em nuvens, pensamentos;
Vagueando memórias, momentos.
Ando só sem mesmo estar.
Ando muito em cada pouco,
Ando em sonho muito louco...
Procurando me encontrar.
Sinto assim... sem cor, sem luz.
Sinto nada e tudo então.
Sinto medos, valentia;
Calmaria, ebulição.
Sinto a dor de não sentir,
Sinto coisa tão intensa!
Sinto forte a indiferença,
Sinto até que é tudo em vão...

www.facebook.com/cjf.fim.9



FORÇA DE MARÉ

Alexandra Torres
Lisboa – Portugal

o fulgor da lua banhou as águas calmas do rio
mergulhadas na escuridão mais absoluta
sem ti viviam ocultas nas trevas,
arrastadas pela corrente da solidão
no caudal de um silêncio quase imperecível
até ao luar, até te assomares
evocando emoções perdidas,
completando com o teu reflexo o rio sombrio,
desprovido de movimento e luz no seu retiro
almejando um semelhante,
uma alma que lhe desse vida
juntos, vogando no mesmo sentido
numa confluência perfeita
curso natural da harmonia
cuja nascente és tu

http://alexandratorresblog.blogspot.pt



Fragata

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas-SP

para Emily Dickinson

A rima guia a mão
como ao coração

ao buscar uma via
durante a travessia

nesta curta poesia
que se distancia

ao pagar pedágio
antes do adágio

ao cruzar
ao azar

com algum verso
talvez perverso

na viagem pelo mar
ao porto para amar

http://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=85390&categoria=7



“GRANDES” Poemas

Gabriel Felipe Jacomel
Joaçaba/SC

Dríade III

as árvores
reservadas
e vaidosas

A metamorfose

avião virando inseto reflexo
no tampo da mesa de vidro

Traumatismos

pisando em ovos
fugindo do galo
à omelete...
sem quebrá-los

Sana

naquele open bar sóbrio
pernas portas de saloon
não houve
consumação

faziafagiaebulimia.blogspot.com

HAIKAI ENGRAÇADINHO

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

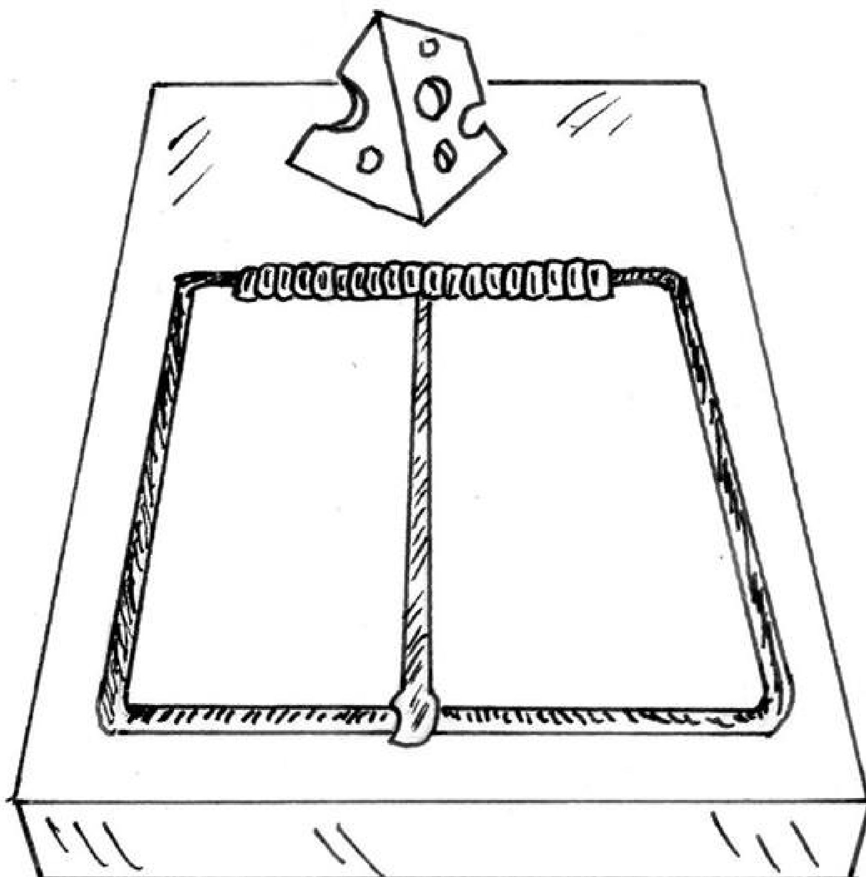
**Quando vem chuva
a lua usa chapéu
ou guarda-chuva?**



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Em noite serena
mais agrada o som dos grilos
que do rato na cozinha



LADO B

Marina Alvarenga Botelho
Lavras/MG

Hoje era seu aniversário e estava preparando algo especial. Já eram 17h15 no relógio e hoje decidira que iria fechar a drogaria às 18h. Sabia que seu pai não iria gostar, pois sempre dizia "é entre as 18h e 19h que as grandes vendas acontecem, porque as pessoas estão saindo de seus trabalhos e indo para a casa". Desde que assumira a loja, não havia constatado muito bem se isso era ou não verdade, e além disso, hoje fazia 42 anos, mais precisamente às 22h38, e a velha botica que fora do avô e depois do pai, agora era sua e tinha a liberdade de fazer o que bem entendesse.

Batia os dedos ansioso para o relógio andar mais rápido, mas com um misto de alívio e angústia, pois o último carregamento de esmaltes iria chegar ainda hoje. Ansiava por esse carregamento há muito tempo. O esmalte amarelo da coleção nova da "MagicNails" faria parte dessa noite tão especial.

A bexiga apertava e resolveu ir ao banheiro. Como seria rápido não achou necessário fechar as portas da loja, até porque nesse horário os moleques do bairro estavam na escola e o máximo que poderia esperar de cliente era alguém que ficaria frustrado em ver o resultado dos números na balança digital, após um final de semana regado a cerveja e carne.

O banheiro era mal iluminado e isso era uma das coisas que mais lhe incomodava. Não tinha janelas e parecia totalmente improvisado. A caixa d'água da descarga, aquelas de puxar a cordinha, já estava encardida e gotejava, pendendo torta para um dos lados. O espelho era daqueles mais vagabundos possíveis, não mais de vinte centímetros de comprimento, e tinha a borda laranja. Sem querer, olhou seu reflexo e ali ficou absorto em seus pensamentos. Os cabelos oleosos e bem negros já quase chegavam nos ombros. Seu cabelo era seu novo xodó. No entanto, aquela careca no meio da cabeça era algo que não havia previsto quando era mais jovem. Quanto a isso, já não tinha o que fazer. Os olhos azuis estavam caídos e passavam uma sensação de cansaço e

velhice. O peso da idade já estava lhe atingindo. Talvez não devesse passar tanto tempo se olhando. Quando não se olha muito no espelho, é possível criar uma imagem de quem achamos que somos, e não precisamos ser quem a realidade nos mostra. Talvez fosse exatamente por isso que tinha seu segredo tão bem guardado.

Um barulho lá de fora chamou sua atenção, e quase que por um segundo, achou que a imagem do espelho continuara olhando-o, mesmo quando virou a cabeça. Saiu apressado do banheirinho, com o coração palpitando. "Chegou, finalmente chegou", dizia de si para si. Assinou correndo o documento e mal olhou para a cara da moça que realizava a entrega. Como se fosse um dia de natal e ainda uma criança, pegou uma faca e rasgou a fita adesiva que selava a caixa ao meio. Procurou pela embalagem que dizia "Doce de Ovos". O esmalte reluzia um amarelo gema bem forte. Ficou uns dois minutos olhando para a beleza daquela cor. Enfiou o frasco no bolso, caminhou para os interruptores, apagou a luz, pegou um frasco de tamanho médio na prateleira, suas chaves e começou a fechar a drogaria.

Verificou duas vezes se havia trancado a porta e começou a andar rapidamente para sua casa. Apertava o frasco no bolso como se fosse um pomo de ouro prestes a fugir. Refez mentalmente seus planos: tomaria um banho de banheira, com direito a velas e sais aromáticos. Abriria uma garrafa do vinho, que comprara na promoção, colocaria seu álbum preferido para tocar na vitrola e começaria sua noite.

Morava na casa antiga de seus pais, desde que a mãe, já viúva, abandonou também o planeta Terra. Era desses casarões antigos com direito a porão, banheira de louça, cristaleiras antigas e tudo o mais. O piso range a cada pisada, mas não trocaria seu lar por nenhum outro lugar no mundo. Até porque ficava a somente dois quarteirões da farmácia e poder morar a cinco minutos do trabalho é um grande luxo hoje em dia.

Chegou em casa meio sem querer chegar. Quando se planeja algo por muito tempo não se tem mais certeza de querer fazer tudo aquilo, pois depois de feito, não teria mais pelo que esperar e cairia naquela rotina monótona e sem cores do dia a dia. Hesitou alguns segundos com a chave na fechadura, mas por fim lembrou-se de seu esmalte novo e abriu a porta rapidamente.

Foi fazendo cada etapa de seu plano calmamente, prestando atenção em cada detalhe e apreciando aquele momento tão esperado. Afinal, não era todos os dias que podia se ter uma noite como essas. Ligou as

torneiras da banheira e jogou seus sais de lavanda e camomila. Arrumou a penteadeira, que era da mãe, com o kit de maquiagem, o secador de cabelo, as escovas, os grampos, o laquê que se lembrara de pegar apressadamente na loja, "ainda bem, pois se eu o tivesse esquecido, teria acabado com meus planos", tudo milimetricamente ajeitado. Bem no meio, seu esmalte amarelo estava pronto para ser passado. Em cima da cama a roupa escolhida e logo abaixo o sapato.

Durante o banho, Tony pensava em como seria feliz se pudesse fazer seu ritual todas as noites. "Não sei o que meus pais fariam se eu o fizesse. Mas hoje já sou dono da minha vida, então, por que não pensar em fazer isso mais vezes?". Sabia que eram raros os momentos como esse, nos quais se sentia tão realizado. Por fim, quando a pele já estava totalmente enrugada, os cabelos lavados e as cutículas moles, levantou-se e saiu da banheira, deixando pingar água no tapete.

Secou-se, colocou um roupão velho, mas confortável, listrado de branco e verde, e sentou-se em frente à penteadeira. Ali, um grande espelho emoldurado o olhava. Abriu a garrafa de vinho tinto, um Cabernet Sauvingon bem frutado, e começou a arrumar os cabelos, ou o que lhes restava. Penteou-os, passou alguns cremes e começou a dar-lhe volume. Com o secador e escovas, levantou-os de um jeito que parecia pouco provável. Sabia que a moda dos cabelos dos anos 80 era horrível, mas era exatamente por isso que gostava. Completou o penteado com uma peruca tão negra quanto seus próprios cabelos.

Virou uma taça de vinho e demorou-se no espelho por alguns minutos, fitando sua silhueta por vários ângulos. Achou que dessa vez havia se superado. "Eu me superei", disse de si para si, ou talvez tinha sido o espelho quem disse isso. Pensou que seria melhor maneirar na bebida. Fechou os olhos e esparramou bastante laquê por todos os lados. Adorava aquele cheiro, de tia-avó e festa de família.

Abriu o estojo de maquiagens, cheio de pincéis diferentes e começou a se pintar. Passou a cola sobre a sobrancelha, aplicou a base e começou a se transformar em si mesmo. O batom escolhido foi um roxo bem escuro, pois ficaria bom em contraste com as unhas amarelas. Após finalizar com o curvex, levantou-se da cadeira e buscou o talco. Jogou um pouco dentro da meia calça preta e começou a vesti-la, cuidadosamente para não furar. Subiu-a até acima dos joelhos. Vestiu seu espartilho e delicadamente prendeu-o às meias. Calçou as sandálias, novinhas, cheirando a recém compradas. Abotoou no pescoço o colar de pérolas que também fora de sua mãe. Tomou mais uma taça de vinho e

sentou-se novamente à penteadeira.

Abriu o vidro do esmalte mais lindo que já vira. Não que particularmente gostasse de amarelo, mas a ideia de ter aquela cor sobre as unhas, que já estavam crescendo há três semanas, era uma ideia que não conseguia largar. Cheirou o esmalte, observou-o por alguns segundos e começou a pintar pelo mindinho da mão esquerda. Foi passando suavemente o pincel por todos os dedos, até que havia pintado as duas mãos. Olhou-as meio de longe e soprou uma por uma. Estava magnífico.

Levantou-se e olhou-se no espelho, que o olhava de volta com um olhar compenetrante. Da unha dos pés ao último fio de cabelo: "Tony, você está magnífico". Agora faltava a última parte para sua noite ficar completa. Caminhou até a sala e com todo o cuidado do mundo, tateou pelos discos, sem deixar estragar as unhas. Pegou o escolhido com a ponta dos dedos e meio roboticamente colocou-o na vitrola. Aquilo era uma pepita de ouro: a trilha sonora de The Rocky Horror Picture Show. Colocou a agulha no disco, aumentou o volume e voltou para o quarto, mas dessa vez, desfilando. Olhou-se novamente no espelho, enquanto tocava "Sweet Transvestite". Abriu as mãos pintadas e colocou-as próximas ao seu rosto maquiado, com o amarelo vibrante de frente refletindo e dando cor a todo o seu visual preto. Tony era uma mulher de dar inveja a qualquer Tim Curry. Terminou a garrafa de vinho e comemorou ali seu aniversário, de frente para si mesmo. O disco continuou a tocar a noite toda.



https://imagemcamera.wordpress.com/

Lembranças

Igor Rodrigues Santos

Hoje eu queria ter um mar azul para navegar
Queria ter uma casinha florida de estrada comprida
Bem no meio de um laranjal
Queria sonhar, e ao despertar pela manha
Ter todos os meus sonhos realizados
Não peço dinheiro no bolso, carro ou roupa bonita
Só peço a Deus saúde o resto a gente conquista
Queria uma margarida, pode ser rosa pequena ou cumprida
Uma que saiba beijar que me de seu amor sem eu ter que suplicar
Queria um olhar sereno para no meu olhar repousar
Uma boca cheirosa e macia para os meus lábios encontrar
Queria voltar ao passado e lá ficar para sempre
Cantar a música que nunca cantei
E chorar por quem ainda não chorei
Repetir algumas palavras e outras eu queria esquecer
Rever algumas pessoas e de outras eu nem queria saber
Queria tantas coisas, mais elas não poderei mais ter
Não culpo a vida por isso, poque tudo ela me deu
Se a um alguém a ser apontado, esse alguém deve ser eu
Por ter de olhos fechados, pela vida passado
E não ter valorizado aquilo que um dia foi meu.

Lugares Marcados

Juliana Ferraz

Eu estava na fila do cinema quando ela entrou no meu campo de visão. Não tinha como não notá-la: o cabelo rosa choque chamava mais a atenção do que o extintor de incêndio. Sempre fui o tipo de pessoa mais discreta. Nunca quis chamar muita atenção. Pode-se entender então um certo constrangimento meu quando a garota ficou justamente ao meu lado com aquela cor que flamejava a cada passo que ela dava na minha direção.

Ela estava com delineador nos olhos, muito bem passados. Batom cor de boca, mas os lábios eram carnudos. Esmalte negro. Estava com um uma saia jeans quase curta, uma camisa xadrez preto e vermelho e um coturno até à batata da perna. Exalava um certo ar de despretensão o que lhe deixava mais atraente. Fui percebendo que não era apenas o cabelo que me chamava atenção nela, mas sim os seus traços. Personalidade. Não trocara nenhuma palavra com ela, mas notava que ela tinha atitude. Qualidade rara nos dias enlatados de hoje em dia. Ela foi quem puxou papo comigo.

- Essa fila já estava aqui há muito tempo?

- Um pouco. Brasileiro é assim, né? Gosta de uma fila mesmo sabendo que o lugar é marcado.

- Veio sozinha também?

- Não. Estou esperando meu namorado. Ele chega daqui a pouco. Fico na fila porque ele é um dos tarados da fila.

Ela riu. Me senti meio idiota com a piada, mas gostei do fato dela ter rido.

- Se ele gosta tanto de uma fila, por que você tem que ficar no lugar dele?

- Acho que faz parte de um relacionamento, uma das partes tem que ceder em alguma coisa.

- Legal. E o que ele cede para você?

- Finge que eu sou magra.

Ela fez cara de quem não entendeu a piada. Expliquei.

- Como eu não sou magra, ele finge que eu sou. Para eu me sentir bem comigo mesma. Só isso.

- E daí que você não é magra?

- Padrão estético de beleza ocidental.

- Não gosto do padrão. Acho padrão sinônimo de igual. Se é igual, não faz diferença. Se não tem diferença, não é único. Se não é único, é perda de tempo. E eu não tenho tempo a perder.
Fiquei mais constrangida do que quando ela se aproximou de mim com os seus fios rosáceos que me chocaram. Depois continuou.
- Que bom que você não faz parte do padrão. Você é bem bonita. Definitivamente, ele não deveria "ceder" para você se sentir assim.
Ela percebeu o meu incômodo.
- Desculpa. Não quis te deixar chateada. Acho que é um problema meu, puxar conversa com as pessoas quando eu estou sozinha. É que eu gosto de conhecer gente nova. Só isso. Você pode me desculpar?
Fiquei irritada. Quer dizer que eu era apenas uma mera distração para ela enquanto estávamos na porta do cinema? Fui amarga.
- Tudo bem. Acho que você não deve ter muitos amigos mesmo.
- Por que diz isso?
- Pela sua aparência. Pela sua atitude. Com essas roupas de grunge suja com esse cabelo rosa, não deve ser muito fácil as pessoas se aproximarem de ti. E eu não sei se você entendeu errado, mas eu não sou gay.
Ela ficou em silêncio, mas pude perceber um leve sorriso de escárnio no canto da sua boca. Fiquei mais irritada ainda.
- Tá rindo de quê?
- Não estou rindo.
- Está sim. Está sorrindo.
- O meu sorriso te incomoda?
- Sim! Dentre outras coisas.
- Tipo as minhas roupas e o meu cabelo?
- Sim!
- E o que mais?
Ela foi se aproximando de mim, lentamente. Eu fui perdendo o ar, as pernas foram ficando bambas, não tinha mais controle sobre o que estava acontecendo. Não sabia se era pelo choque se tinha outro sentimento envolvido ali. O nariz dela encostou no meu e antes que eu pudesse raciocinar sobre o que estava acontecendo, ela me beijou.
Foi algo inefável. Parecia que eu estava fora de mim. Parecia que eu era outra pessoa. Uma corrente elétrica me fez despertar e sentir algo que eu não tinha experiência. Foi rápido mas o terremoto já havia abalado as minhas estruturas. Ela me olhou fundos com aqueles olhos imensos no estilo gatinha pelo delineador e disse:

- O incômodo é reflexo do medo. Pelo menos eu tenho coragem de ser quem eu sou de verdade. Quem está te incomodando: eu ou você?
Eu sabia que aquele beijo deveria ter chamado a atenção de alguém. Tremi por dentro, mas não conseguia desviar os olhos dela. Não sabia o que me paralisava: a minha covardia ou a beleza dela. E ainda fechou a discussão dizendo:
- Cabelo rosa não é nada comparado à máscara que você usa todos os dias. Tem que ter coragem para fazer isso. Não é para qualquer um. E não é para todo mundo. Isso é o que te incomoda de verdade.
Não tive reação. Meus olhos lacrimejaram. Ela apenas passou a mão no meu braço, perguntando se precisava de alguma coisa. Pedi que ela me tirasse da fila. Esqueci do meu namorado e saímos do cinema. Eu precisava respirar e aquela aglomeração de pessoas enfileiradas não estava fazendo com que o ar chegasse até a mim. Depois de um copo d'água, criei coragem e a beijei. Ela não esperava por isso. Nem eu. Foi um movimento involuntário, como as batidas de um coração. Mas me senti mais viva do que nunca me senti antes.
Decidimos que uma ficção seria perdida aquela noite. Mas uma realidade estava prestes a ser concebida.



MAMPITUBA

Roselaine Hahn, Cachoeirinha/RS

– Mãe, onde fica Mampituba?

Ela olhou pela janela. Os postes na estrada viajavam apressados. Estavam a pelo menos 200 quilômetros de distância do rio que divide os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, subindo em direção a Serra Gaúcha. Pensava de onde diachos o guri ouvira falar do rio Mampituba, quando a atenção desviou-se para a gritaria no fundo do ônibus.

O Zé saiu do banheiro, escancarou a porta e jogou no corredor o rolo de papel, que escorreu majestosamente como um tapete vermelho, a abrir alas para a nobreza de cento e dez quilos em desfile imponente de braços abertos, enquanto os súditos rebelados seguiam atrás sob protestos e vaias, amontoando-se na frente do busão para fugir do bodum de carniça.

– Porco, porco! – gritavam.

– Não é porco, é sucrilho de colono – respondeu o glutão em gaitadas a respeito do torresmo ingerido no café da manhã.

Os passeios da turma era um frescor para aliviar a rotina massacrante da firma, mesmo que o seu papel, tal qual o das demais esposas, estivesse limitado ao de coadjuvante do marido, que enchia a cara e ria por bobagens. Muitas vezes não entendia a graça, mas cumpria bem a função de *claque*.

Sentada à direita na terceira fileira de poltronas, escutava de butuca a grandiloquência do marido a converter o motorista com a

parábola do filho pródigo. Ela achou graça no poder da cachaça em elevar as pessoas a Deus.

Pelo mesmo motivo de alto teor alcoólico, tio Machado era um dos mais animados da viagem. Fazia estripulias no corredor, tal qual criança em excursão da escola. O gringo da colônia falava alto, implicava com todos e massacrava a letra erre. Um ser *iluminado*, por causa dos olhos verdes brilhantes e a careca reluzente. Trajava camiseta de futebol de listras azuis e brancas, desaparecidas no amontoado de cores berrantes que exibiam o nome de patrocinadores famosos, como a ferragem Ibirosca e a mecânica do Idalcir.

A turma se esbaldou em risadas quando Machado correu até a traseira do ônibus em passos de balé, montou nas costas do Zé, tropeçou no isopor e estatelou-se no chão, pernas ariadas, mãos na buzanfa dolorida; gritou:

- *Dio* do céu, me ajunta, *carralho*!

E foi então que o menino Bento leu nas costas da camiseta multicolorida o nome Mampituba F.C., e depois de uma gargalhada gostosa, perguntou à mãe onde ficava aquele lugar, pois imaginou que lá todas as pessoas seriam felizes. E ficou tão encantado com as palhaçadas do tio Machado, tão maravilhado com Mampituba, que associou uma coisa a outra, e dizia que o tio Machado era Mampi, e de que tudo o que gostava era Mampi: os carrinhos *Hot Wheels*, a bicicleta amarela, o picolé *Chicabon*. Por isso, a escolha do nome do cachorrinho da *marca* linguicinha presenteado no aniversário: Mampituba.

Jamais se viu Bento afeiçoar-se a um bichinho tal qual aconteceu com Mampi. Conexão imediata, nascidos um para o outro, que nem

arroz com feijão, churrasco e salsichão. Mampi assumiu o posto de bebê da casa; um ser que exalava amorosidade nas sobrancelhas arqueadas, com manchas brancas adornadas pelos olhos cor de mel e alegria no rabo acelerado ao festejar a família.

Ela trocava olhares profundos com o cachorrinho, ficava imaginando os pensamentos daquela criaturinha de Deus. O marido não a olhava daquele jeito; só quando bebia e queria *cuchi cuchi* – desdenhou.

O gurizinho cresceu, e Mampi envelheceu. Na verdade, já nasceu velho, com a sabedoria de quem tem compaixão por todo o tipo de gente. Bento transformou-se num adolescente retraído, cibernético, um replicante de *Blade Runner.* Usava o termo "legal" em profusão para denominar o que gostava, não gostava, ou achava mais ou menos. A palavra o mantinha unido ao mundo dos adultos, principalmente ao da mãe. A tudo o que ela perguntava, ele formatava no disco rígido e emitia um simples "legal".

Por sorte, o universo Mampi permaneceu intacto: bastava receber os refestelamentos do Mampituba para se abrir em sorrisos e gracejos. Mampi possuía esse poder.

Saiu para caminhar, para fazer vento. Sentiu saudades dos passeios, das amigas e seus maridos beberrões. O marido dela também foi caminhar, para sempre. Teve que admitir, Idalcir enchia a casa de barulhos; não precisava de grandes motivos para as churrascadas com a turma do busão. Ele bem que tentou:

– Quero envelhecer contigo.

– Tu já me envelheceu demais – sentenciou ela.

Bento ficou ainda mais silencioso depois da separação. Andava deprimida com as atitudes do filho, com a distância entre eles, com um mundo que não conseguia entrar, quem sabe se comprasse uma espaçonave, matutou.

– Tu é defensora dos adultos – dizia o filho no fatalismo da idade, e encerrava com um "legal", para não ouvir o blá blá blá dela.

Perguntava-se onde foi parar o guri meigo e carinhoso que estava ali agorinha mesmo. Só deu uma saidinha pra trabalhar um pouco, limpar a casa um pouco, pagar umas continhas e quando voltou, o menino era outro menino. Apegou-se na sua força interior, que por vezes era fraca, para suportar a melancolia baixada de supetão. De supetão também baixou a entidade do preto velho do Pai João, a quem pedia socorro sempre que não conseguia aguentar o peso dos encostos se aprochegando sem cerimônia.

O mormaço de dezembro cadenciava a vidinha pachorrenta nos costados de Charqueadas; caiu uns pingos de chuva só pra molhar os bobos. Num calor desses, até a morte era lenta. Disseram que o *homi* da padaria levou três dias pra morrer de infarto fulminante.

Na casa verde bucólico de grama alta e muros baixos, as coisas seguiam silenciosas. Bento chegou da escola e jogou-se no sofá com o *Nike* embarrado. O linguicinha pulou no seu colo, recebeu merecidos afagos, e saiu correndo quando ela deu esporros por causa do sofá sujo.

– Mãe, vou te dizer um troço.

– O que é? – retrucou já prevendo conversas enjoadas pela metade.

– Tu é Mampi.

O rímel preto, de segunda mão, misturou-se às lágrimas desgovernadas, deixando a cara melecada. Fungou baixinho, virou de costas e fingiu que esfregava as panelas com requinte na pia sem panela nenhuma. Fazia tempos que o filho cibernético não lhe causava emoção tão boa, daquelas de amassamento no peito. Se pudesse, colocava-o de volta dentro da sua barriga.

Assim como o rio Mampituba segue o seu curso para o mar, um dia Bento voltaria – refeito em suas margens, inteiro no seu delta – e desaguaria no estuário de águas formado pelos braços da mãe. Limpou o ranho do nariz com o dorso da mão, olhou de soslaio para a porta da área de serviços; podia jurar ter visto Mampi, em toda a sua Mampice, piscar sorridente os olhos de mel.



MARGINALIZADOS

Rosimeire Leal da Motta Piredda
Vila Velha - ES

Choque social, visto como algo normal pela sociedade. O nada é sua maior riqueza.

Sem tetos, mendigos, vadios, miseráveis, vagabundos... de vários nomes eles são chamados.

Perambulando pela existência... errantes. Levando tralhas, sujos, fétidos, marginalizados, pedindo esmolas, mas prefeririam um emprego. Cada um tem uma história para contar, contudo, o passado está fechado num livro sem páginas em branco. Nenhuma perspectiva, vagando dia após dia.

Todos passam longe deles, pois pensam: "São ladrões!" No entanto, foi a vida que lhes roubou a integridade, a cidadania. Ou teria sido o destino?

Sem casa, morando nas ruas, debaixo de viadutos, dormindo sob as marquises, praças, onde for possível.

Seu principal inimigo é a noite... trevas...

No inverno, o uivo do vento lhes murmura a injustiça social. Folhas secas voam sobre eles... gesto de zombaria.

A poeira gruda em seus corpos, bloqueia a memória. Já não conseguem folhear o álbum de suas lembranças felizes.

Choveu em cima deles, viraram lama. Tremem encolhidos, envolvendo a si mesmos, apertam os dentes, as mãos e os pés, querendo resistir, sobreviver.

Na neblina tentam visualizar a passagem no tempo, onde o melhor de seus sonhos se perderam. Porém, tentativa inútil: necessitam ajuda para encontrar a saída deste labirinto.

http://www.rosimeiremotta.com.br/

Marteando

Moraes – Paulínia-SP

Eu imagino, entre prosas e presas
Peças de roupa se despindo às pressas de seu corpo
Totalmente úmido pela ofegância e ansiedade
Contracenando entre sussurros entrecortados pelo cansaço
Presenteando-me com breves sorrisos e voz fadada ao alento
Beija o tempo em movimento, como se soubesse voar
Passeia entre meus dedos
Faz o desfecho se contorcendo suavemente e com ar de supremacia
Entrega repentinamente um toque sutil
E finaliza permeando um sorriso com ar de satisfação
Me pego pensando se esse teu balanço perene
Seja inerente a mim, pra mim, causado por mim
E ela segue
Premiando-me com acalento e leveza
Levando-me ao seu reino
Celeste
Me veste
Sem pressa
Suas vestes maiores
E me alegra
Por um dilúvio carnal
Atormentando
Atordoando
Apaziguando
Arrebatando
Toda e qualquer vontade
De que tudo isso não fosse
Somente
Eu
Te imaginando

desintelecto-puro.blogspot.com.br

MENINA NUVEM

Carlos Costa Texeira – Leme/SP

Ela brilha
Mesmo quando aparece preto e branco
Seu brilho está no olhar e no tanto
Que ela se dedica
Ela é a própria brisa
E me deixa acelerado
Ela está em tudo o que eu vejo
Pra tudo quanto é lado
Reflete grandiosas belezas
Como céu estrelado, pôr do sol e mar
Meu suspiro vira vendaval
Quando eu a vejo passar
Nuvem passageira
Carregada de paixão
Como quem não quer nada
Desaguou inteira no meu coração
Fez-se lago de amor e resolveu ficar
E se depender de mim
Nuvem nunca mais será...

www.poeticamente.com.br



Meu berço

Icarus
Camaçari-BA

este nunca teve valor material
não pagou os meus estudos
não me deu a festa de aniversário perfeita
que dirá um bolo.
Meu berço
não me deu a chave do carro
não comprou as melhores roupas
não me levava té escola
também num deu plano de saúde, e nem um seguro de vida
Meu berço
me ensinou as coisas importantes
me fez começar do zero, ensinou-me a recomeçar
me cruzou no meio do óleo, passei como a água
Meu berço
disse onde eu não devia, mas não impediu deu passar
me largou na floresta escura e fria, disse-me aquele é teu caminho
hoje vivo sozinho, tomei alguns desvios, porém sei, pra onde devo ir·.

https://www.facebook.com/icarusporao/



Miniconto

Emanuele Sloboda
Rio de Janeiro/RJ

O raio estrondara o meu âmago. Atingira-me com o clarão da lucidez, ocasionando a constatação do chicote engendrado por minha visão turva, levando-me a acusar a irreal malignidade do destino. Clamei assistência, inalcançado por todos os cantos onde minha voz poderia chegar, áspera e ácida. Amei-me como em último ato, desesperada e cálida. Eis que me veio a lembrança do rubor da mocidade. O timbre austero fora ingerido por meu ser insatisfeito e caprichoso. Eis, agora, a plenitude em meu semblante. Eis a chuva fina abençoando-me e suavizando a caminhada. Hoje sinto em meu coração pulsante o entendimento ao me atentar aos sussurros Paternais. Hoje é notório o quanto criança sou devido a tantas lições necessárias ainda por virem. E eis o meu sorriso contínuo e duradouro. Eis cada vento e sopro zelando-me como protetores celestiais. Os machucados não causam mais cicatrizes e sim raízes, erguendo-se e servindo sua rigidez para dar suporte a minha chegada ao céu. Hoje, eis minha entrega, confessando-me ser réu em tudo dito não merecer. Hoje, eis a humildade e não mais vaidade, tendo em meu coração a morada da fé.

https://www.facebook.com/meandrosl



Mulher

Maciel Da Silva Guerra
Lucas Do Rio Verde - MT

Jamais elencaríamos suas benfeitorias
Deus, em sua imensa sabedoria
Legou-lhes resiliência
Resignação e sapiência
Para suportarem as amarguras dos fardos
Mães e guerreiras de eternos legados
Era uma vez Eva, foi criada
Para a felicidade de Adão
Noutrora a virgem Maria
Deu à luz aquele que traria
Aos homens a salvação
Mas isso não bastaria?
Passou a titular-se Amélia, mulher de verdade
Para uma sociedade que lhe negava sinceridade
E o mínimo de valor não lhe dava
Continuava a sonhar com igualdade
Sem se deixar abater a felicidade
Tendo sempre em vista a dignidade
Hoje não é só esposa e filha
É pai, mãe, mulher de família
Caminhoneiro, taxista piloto de avião
Policial e operária da construção
Advogada e professora, médica e contadora
Ao mundo pede licença
Para atuar onde quiser
Seu sobrenome é competência
E o seu nome é mulher



NO ESCURO

Maria Marta Nardi
Rio Brilhante/MS

Construo metáforas
e desfaço
o que velado
revela
tantas de mim
Só me encontro
Nos caminhos solitários
e aleatórios
dos labirintos
Tateio no escuro
Evoco as vozes
dos fantasmas
que me povoam
Ecoam dissonantes
o que procuro
e derramam
o mais fundo de mim.



No Poço Da Morte Uma Luz Brilhava

Amélia Luz
Pirapetinga/MG

Estava diante de uma vitrine numa rua qualquer em New York. Havia assistido pela televisão na noite anterior a abertura dos Portões de Brandemburg. Na vitrine, exposto, um lindo vestido de noiva. Parei no tempo, voltei a Varsóvia e me vi no apartamento, sentada com meus pais para o café da tarde. Discutíamos os últimos detalhes do meu casamento. Quatro xícaras de leite bem quente, o cheiro do pão torrado, a geléia de maçãs, os biscoitos de aveia, o aconchego. Tudo preparado pela minha mãe, pela última vez. Eu e papai havíamos chegado do consultório dentário, após um dia exaustivo de muitos clientes. Meu irmão também chegava do seu trabalho no centro da cidade.

Violentamente, bateram na porta. Meu pai amedrontado pediu silêncio e a porta, então arrombada, permitiu a entrada dos soldados nazistas na nossa casa. Ficamos os quatro abraçados, tomados pelo pânico. Nick latiu tentando expulsá-los, mas um tiro certeiro vazou-lhe o cérebro e ele caiu a meus pés.

Diante da vitrine, lembrei meu vestido de noiva, sobre a cama, cuidadosamente preparado para o meu casamento que seria secreto, somente para os mais próximos, marcado para o sábado. Fiquei ali parada por um bom tempo e desfiei todo o nosso sofrimento. Éramos polacos e estávamos sob a mira de Hitler. Mais cedo ou mais tarde seríamos exterminados como foram parentes e amigos. Chegara nossa hora. A elite intelectual e social foram os primeiros alvos.

Fomos levados para a inanição e para a morte em Auschwitz e Birkenau onde ficavam os crematórios. Ficamos quase nus no galpão até a chegada do trem. Fomos separados cruelmente e meu pai, desorientado pela separação, reagiu. Um tiro, ali, diante e nós o levou para sempre. O corpo seguiu arrastado para o poço profundo de incineração. Minha mãe e meu irmão seguiram viagem e eu fiquei só, perplexa, diante de tudo. Tive a sorte de manter a saúde e me aproveitaram no trabalho. Apenas um pijama de listras e a sopa rala de batata. Não me curvei, a esperança me acompanhava!

O tempo passou lento. Ajudava como enfermeira nas poucas horas

vagas cuidando dos judeus irmãos, tão desgraçados quanto eu.

Nunca mais vi meus familiares. Guardo a expressão de terror de meu pai e o último olhar de minha mãe na janela do trem, naquela tarde cinzenta e chuvosa. Só eu fiquei em Auschwitz, papai partira na morte trágica e minha mãe e meu irmão para o desconhecido sem volta.

Fazia frio naquela tarde de New York. Um frio parecido com o do sul da Polônia, onde vivi o meu martírio. Não sei se por sorte ou por azar, tinha boa saúde e venci o holocausto. A última resma autoritária da guerra havia caído. Os Portões de Brandemburg estavam abertos e os alemães poderiam transitar nele livremente.

Estava na América tantos anos depois. Celebrava a alegria de estar viva, de ter vencido Auschwitz mas chorava a tristeza de ter perdido tudo: a família, a casa, a profissão, Nick e todos os meus pertences.

O führer havia tombado, a guerra havia acabado e as feridas ainda estavam abertas e sangravam muito. Vivi meus últimos dias na Polônia. O vestido de noiva, dependurado na vitrine levava-me à mocidade perdida e aos meus anos de tranqüilidade junto de minha família. Hoje, o importante é lutar por um mundo melhor, longe das atrocidades do período do 3º Reich, o maior pesadelo da história do sáculo vinte.

Escrevo muito. Minha raça judia leva-me a escrever sobre a guerra, a Polônia e o nazismo, numa forma de desabafo onde posso encontrar a paz depois de muita tempestade.

Passava distraída por uma avenida de intenso movimento vendo as vitrines iluminadas. Súbito parei. Em minha frente um templo aberto cheio de fiéis entoando cânticos de suave melodia. Senti-me arrastada para aquele local. O reverendo cantava e orava. Era um culto de adoração a Deus. Pude então perceber que ali havia muita paz. Cheia de alegria encontrei após tantos anos o momento oportuno para uma oração de gratidão. Gratidão pela vida e por ter superado a tantas atrocidades raciais e estar ali, chorando e dando vazão à espiritualidade que me tomou por inteiro. Senti-me curada das lembranças amargas, das dores sofridas e, sobretudo da revolta! Dentro de mim não havia mais a velha mulher judia que odiava seus algozes e ruminava rancores. Uma nova mulher nascia para a vida plena naquele lugar santo. Entoei meu cântico alvissareiro, a graça que me invadiu não tinha explicação, nem preço. Era manifestada a graça que descia do Senhor.

O Mar me confessou

Fausto Morais Diniz -
Belo Horizonte - MG

O mar me confessou...

Com seus murmúrios nas praias a espumar,
Sobre as areias brancas docemente a resvalar,
Rolando pedregulhos e pequenas ostras,
Como cantigas de amor, declaradas ao sol se por.

Vestígios de amor de um ardente verão
Paixão eterna, juras prometidas,
Que nos pequenos rochedos, escondidas foram pairar
Ouvindo apenas os murmúrios do mar.

O Mar me confessou...

Refletindo as estrelas e a lua a brilhar,
Com beijos ardentes de um amor errante
E afagos perenes de uma doce morena
Nos meus ombros a debruçar.

Seus murmúrios, em redemoinhos se transformaram
Depois indo aos recônditos mais profundos
Das cavernas sombrias a mostrar
Pérolas negras nas solitudes a brilhar.

Em uma das ostras faltava a pérola
Que inconsolável se punha a chorar,
Pérola negra quem veio aqui te roubar?
Não sou mais ninguém, passo a vida a lamentar.

Desde um pequeno grão, por amor zelosa te cuidei,
Pérola negra, pérola negra, volta donde estás
Para o segredo profundo de nosso lar
Pérola negra te transformaste na sereia morena do mar.

Adormecido estava com meu corpo a levitar,
Vieste das profundezas para me amar
Ficarás comigo eternamente
Ouvindo as confissões e os murmúrios do mar.
Mas não podes diz a ostra! Nas profundezas a clamar
Este feitiço acaba quando o dia clarear
Perderás o caminho de volta
Não me deixes... eternamente a chorar.

Ainda nos teus braços, comecei a soluçar
Amor de minha vida viverei na solidão
Pelo destino, que o mar me confessou
Sou sua pérola negra, que o encanto, em sereia me transformou.

E agora meu príncipe encantador,
Carregarei um fardo de perdê-lo pelo amor
De uma ostra que voltará a cantar
Serei a pérola negra mais triste do mar.

A madrugada foi nascendo... e a pérola a chorar
Voltou sozinha para o fundo do mar.



Oh, Boy.

Cristina Bresser de Campos

Curitiba – PR

Poderia ser só mais um dia na vida de João Ninguém. Ele se levantou com o *ringtone* do Munhoz & Mariano, tomou um banho frio - o gás estava cortado - passou uma escova no cabelo e sorriu para si mesmo no espelho rachado.

Tô bonito? Perguntou à Maiara.

Sem esperar resposta daqueles lábios curvilíneos, foi até a cozinha.

Requentou café no micro e comeu o resto da pizza do jantar. Saiu atrasado pra encarar o trabalho que garantia a grana da balada, que sempre acabava antes do mês chegar ao fim.

Terminal lotado. Todo dia ia espremido dentro do biarticulado; hoje era entre um homem com bafo de alho e uma velha com cheiro de antes de ontem. Durante o trajeto da periferia ao centro da cidade, sonhava em ganhar na megassena e chutar tudo aquilo pro alto.

Enquanto o sonho não se realizava, nos fins de semana fumava um, comprava bilhete pra Linha Turismo e se sentava no *deck* do ônibus, fingindo-se turista na cidade de onde nunca havia saído, imaginando-se empresário e dono de conversível. Naquele dia achou que tinha se dado bem quando reparou na gringa que se sentou ao lado dele, se abrindo toda.

Nossa, ela deve ser clone da Maraisa.

Para completar, na parada do Barigui, um mauricinho tinha acabado de

sair do carro dos seus sonhos e não percebeu que havia deixado as chaves caírem do bolso.

Deve ser muito otário mesmo pra não se ligar ... Dançou, playboy.

Embalado pela coragem alucinógena e pelo olhar de admiração da gringa, João Ninguém desceu correndo do ônibus, a gostosa a tiracolo, catou as chaves do chão e saíram cantando pneu.

Quando João estava dando o maior gás, um guardinha de moto resolveu interromper o trânsito. Um comboio de motos e viaturas policiais furou o sinal em alta velocidade, fazendo a maior algazarra, brincando de roleta-russa.

João Ninguém viu que não ia conseguir frear a tempo pra não atropelar o malabares no sinal. Diante do espanto da gringa, em cima da hora João deu um cavalo-de-pau e conseguiu desviar o carro pra canaleta do expresso.

Como Deus tem um senso de humor torto, às vezes, assim que João e a gringa suspiraram aliviados, ainda com o carro voando baixo, João berrou:

¬Ai, fudeu. Bateram de frente com o Vila Centenário - Campo Comprido.

A última coisa que João Ninguém viu neste mundo foi o *airbag* do Camaro amarelo explodindo na sua cara.

http://www.cristinabresser.com.br/



Os Cata-Ventos

JackMichel – Belém/PA

Na paisagem abandonada,

onde a alegria desertou o coração do poeta,

os cata-ventos estão emperrados.

Oh, que quadro triste!

Onde a alegria desertou o coração do poeta,

os cata-ventos estão emperrados!

Onde fica este lugar?

Será em algum recôndito escaninho

de minha alma esfrangalhada?!

Bem, se assim for

e, com efeito, proceder esta suspeita

de espúrio valor

precisarei buscar auxílio:

batalhões de soldados, poderosas milícias!

Braços fortes, animosos, impávidos!

Enfim, o que seja possível

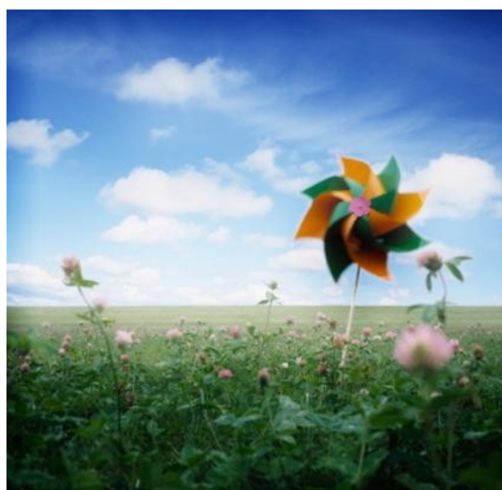
e possa realizar prodígios na sorte,

transmudando-a.

No entanto, tal providência urge

pois é preciso que na paisagem abandonada

os cata-ventos se movam!...



Palavra nata e inata de ser

Gabriela Ávila

Macapá/AP

Palavra abafada
Pelo sim, pelo não: o talvez; sufocadas
Perto de mim, incitadas
Pelo fulgor de querer fluir pelo nada

Palavra sem rédea
Vem como e quando quer, sem média
Rebeldes rebentos sem trégua
Descompassadas, sem medidas, sem réguas

Saem do inconsciente, cruas
De humor inconstante, de lua
Atropelam na mente as ruas
E se expondo em papel sem pudor, nuas

Não as escolho, tampouco elas devem escolher a mim
Só as lapido, enriqueço seu fim
Traduzo em palavra, o assim e o enfim
Liberto a enxurrada: é o grito do sim



Pecados

Luís Amorim
Oeiras, Portugal

Tempo de peregrinação
Foi sol de pouca duração
Pois o novo regresso
Só assistia a excesso
Com ventania mal-humorada
A ser testemunha dada
Em improviso casual
Mas bem certeiro afinal
Ao ver tanto vício
Nos que largaram ofício
Que primordial deveria
Ser durante santo dia
Obviamente todos
Cumprindo seus modos
De natural devoção
À vigente religião.
Mas assim não era
Parecendo nova era
Com diversos pecados
A serem evidenciados
Em atitude de surpresa
Pela antecipada reza
Na peregrinação finda
Revelando ainda
Comportamentos não imaginados
Em colegas conotados
Com seriedade em conduta
Que já não escuta
Sua lábia triunfal
À flor principal
Isoladamente apreciada
Mas em quantidade anotada
Nas páginas insuficientes
Pois tantas estão presentes
Para a contabilização incrédula

De quem muito adula
Sua flor destinada
Mas dificilmente aprovada.
Com efeito, nada disto
Estava no previsto
Quando lá longe andava
Com o bem que orava
Que agora é difícil
Contornar cenário de mil
E uma noites, pensado
Como sendo aparentado
Com o vislumbrado
Onde não mora ao lado
O pecado reprovado
Em jeito interrogado
Mas sim aqui e agora
Querendo saber sem demora
O porquê de tal farra
E se ainda haverá garra
Para uma efectiva muda
Numa reconversão sem ajuda
Ou com pronto auxílio
Disponibilizado por concílio
Sendo palavra esta
Que finaliza a festa
Caindo em realidade decente
Todo o fiel ente
Que pontual deslize teve
Quando sua flor reteve
Querendo retornar a crente
Com pecado ausente
Assim o conjunto garante
Em seu destino confiante
À religiosa medida
Que vai de saída
O grupo florido
Conforme estava vestido.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions

Perto

Vítor Leite

Porto, Portugal

Perto não é estar próximo nem junto.

Perto é não saber onde acaba um nem o outro, é um corpo com quatro pernas e outros tantos braços, e, uma tremenda vontade de entrar na pele, de rasgar o peito e entrar, qual barco a rasgar ondas na maior tempestade.

e tu onde estás? Sim, tu que não és!

Transparente e sem cheiro, és longe ou uma hora. Morres no desejo de ser perto. Morro também. Serei pássaro avião, agarrado a um desejo de ter, nem importa o quê. Ser mais que uma memória de um desejo e tudo acaba com o mergulho do sol. Como um eco tudo se repete e repete e epete pete pet te te te.

Perto. Perto de coisa nenhuma. Rasgo a pele como as memórias, mergulho no sangue quente da vida. Cuidado, digo-me e mergulho novamente. Nado neste mar opaco sem ondas, longe de tudo. Navego como qualquer peixe na corrente, aguardando um maremoto. Sozinho e longe como uma cama vazia.

Sou todo mãos, bem longe do meu corpo e coladas no teu, debaixo deste líquido ou pasta, que não se descola. Somos perto mesmo de olhos fechados, sentimos a saliva do outro na pele, mesmo sem olhos estás em mim. Perto.

*https://*silenciodesafinado.wordpress.com

Poesia Insana

Mickael Alves

Iguatu/Ceará

"Pegue seu acento
Perdoe os erros de acentuação das palavras
Se trata de um esboço
Palavras não tão bem calculadas"

Verso
        Teceiro não imundo
Ver(so)
Rima com o segundo
                        Palavra repetida
Ve(rs)o
Inverso (do) sentido?
                No universo dos versos
Ponto, esboço, vírgula
No omniverso do verso
Metanarrativas

        "....se foram tantas palavras
Tantas palavras surgiram
Para onde vai o verso
Enquanto não estar sendo lido?"

Poetando

Nevio Burgos
Guaratinguetá-SP

Lá vai o Poeta
Cachimbo na boca
Franzindo a testa
Seguindo a rima
Que cai na fumaça
Pensando no texto que não escreveu.
Será que o tino perdeu?
Sorriso Jocoso
Lá vai outra rima
Seguindo o poeta.



Psicopoesias

Roger Santos - Rio de Janeiro/ RJ

Menina...
Aonde vai você?
Não desaparece do tempo,
Deixe ele ser teu ser,
Deixe ele cuidar de ti.
Mergulhe de cabeça, mas
não perca os sentidos.
Vá sem pressa,
Teu momento te espera
quando você voltar.
Você é pedra de cristal
Com suas variações e sentimentos.
Você é pétala de rosa
que merece todo amor
desse mundo.

Roger Santos

Psicopoesias

Queremos teu sorriso de volta!
Tudo pelo teu sorriso...

Isabel C S Vargas – Pelotas - RS

Ele é aquele tipo de pessoa que denominamos invisível. As pessoas passam o veem, mas não o enxergam. Ao serem questionados não saberiam descrever. Afinal, quem nota mendigo, morador de rua, gari, pois para a maioria da sociedade não existem. Não tem prestígio, não formam opinião, não consomem ou gastam o mínimo, são classe D/E. Em uma sociedade de castas seriam párias, intocáveis, impuros.
Assim, ele, a pessoa desta narrativa, não desperta a atenção das pessoas que passam na rua, apesar de ele ter quase 1,90 cm de altura. Cabelo crespo, longo e desgrenhado. Veste um tênis rasgado, uma calça de abrigo um tanto curta, camiseta surrada. As roupas são surradas, mas não são sujas. Ele cata latas nos latões de lixo. É magro, e não tem aparência que possa assustar as pessoas.

Ela, a moça passou por ele sem o notar. Ao atravessar a rua para entrar no carro ele a chamou e disse. Eu te conheço. Ela, a princípio, ficou surpresa. Não sabia o que responder. A surpresa aumentou quando ele mencionou o nome do pai, o sobrenome de família e de onde ele a conhecia. Curiosa, ela indagava quem ele era. Não dizia o nome, não dava dados precisos, mas ela sabia que ele a conhecia mesmo. Ficou emocionado quando ela relatou que perdera familiares que ele conhecia e de quem pedira notícias
Seus olhos encheram-se de lágrimas. Ela insistiu. Perguntou se ele era guardador de carros no local. Ele não respondia. Falou das dificuldades. Juntava latas para garantir a alimentação do dia. Sonhava em ter um cantinho onde pudesse dormir sem ter que acordar com alguém morto ao seu lado. Outra dificuldade era conseguir roupa e sapato de seu tamanho. Perguntou se ela poderia ajudá-la. Deu-lhe tudo que tinha na carteira que era pouco e saiu dali impressionada por não saber quem era. Prometeu conseguir roupas que pudessem servir-lhe.

Foi com esta sensação que chegou a casa e relatou o ocorrido. Os membros da família, mãe e irmãs ficaram a pensar e pela descrição

física, as três deram o mesmo nome. Lembraram de uma única pessoa. Mas custavam a acreditar, pois o indivíduo que lembravam era um rapaz bonito, elegante, com um lindo sorriso, era formado em curso superior, casado e tinha filho.

Buscaram informação com parente que exercia a mesma atividade dele. A confirmação veio. Cruel. Desoladora. Inaceitável, mas verdadeira. Ele havia se tornado um alcoólatra motivo pelo qual houve a separação. Inconformado, passou, posteriormente, do álcool, para uma depressão profunda e, a seguir, para as drogas mais pesadas.

Vendeu tudo que tinha, inclusive, apartamento para sustentar o vício. Passou a levar a vida em que foi encontrado. Nessa vida já se vão mais de dez anos.

Ficaram todos chocados. A depressão, o vício, a falta de ajuda adequada pode tirar o sorriso, a vida, a dignidade de um homem.

Ela, a jovem tornou a passar, alguns dias depois, no local em que o encontrara.

Tentava reencontrá-lo. E, sorte ou destino o achou. Relatou que já sabia quem ele era. Conversaram bastante. Ela ofereceu ajuda, disse que apenas uma palavra afirmativa dele e seria encaminhado para tratamento por um grupo que ela pertence que atende dependentes químicos. Nada pode ser feito sem o seu consentimento. A decisão será sua. Um grupo de pessoas espera pelo seu sim para encaminhá-lo para uma nova proposta, um novo caminho, no qual poderá recuperar a saúde, a sanidade, a vida, a dignidade, o sorriso e a esperança de futuro.



Reincidente Intemporal

Gerson Machado de Avillez – RJ

"Há mais mistérios entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia".
William Shakespeare

Noah Reynolds era um homem instruído mesmo para um mundo cuja informação era a moeda. De média estatura, negro, usava uma barba distante, toda entalhada e aparada, era PhD em filosofia e ética. Noah não somente lecionava numa conceituada faculdade, como era ativista que lutava contra os perigos das viagens intemporais realizadas, doravante, por uma empresa privada que respondia diretamente ao governo. Acreditava que mais do que fiscalização a engendradas viagens deveriam ser policiadas por agentes capacitados a uma legislação adaptada a crimes em outros tempos e dimensões.

Mas em seu mundo não haviam prisões, todos os delinquentes, criminosos e maníacos sem chances de readaptação em seu mundo eram enviados a uma dimensão paralela criada por um desvio temporal para ser exclusivamente uma prisão num longínquo tempo passado, fruto de uma fascinante engenharia dimensional. Discordante disto Noah pedia o fim do sistema prisional passadinho onde os encarcerados sobreviviam em meio a criaturas pré-históricas. Porém, o que Noah não sabia é que suas convicções e luta seriam postas a toda prova num dia que parecia ser como outro qualquer, mas não era, pois Noah se veria envolto na teia do destino o qual o fisgara. O caso a seguir provocou

enorme comoção e uma consequente revisão da ética de viagens intemporais e dimensionais assim como um clamor público por aplicações mais rígidas de policiamento e fiscalização.

Aproveitando uma folga, Noah assistia sua tevê holográfica quando a campainha tocou. Sem hesitar Noah levantou-se de sua poltrona e atendeu de bom grado para ser surpreendido por oficiais da lei. O motivo da surpresa era um alegado crime o qual ele teria cometido há uma hora atrás, um homicídio.

- Doutor Noah, você está preso pelo homicídio de Kimberly Gale, deseja que leia seus direitos? – Disse o oficial da lei friamente enquanto as luzes oscilantes entre o vermelho e azul piscavam cintilantes na porta de sua casa chamando a atenção dos vizinhos.

- Só pode ser um engano, passei o dia todo em casa revisando meus trabalhos acadêmicos e...

- Temos provas conclusivas de que fora o senhor. Uma filmagem assim como vestígios de DNA. Seu advogado já está a caminho, aconselho o senhor confessar o crime. – Completou o delegado lhe cortando.

Todos seguiram para a delegacia, e uma vez detido Noah negou-se admitir um crime que não cometeu, ainda que tivesse ficado chocado com as imagens que vira onde um homem como ele adentrara um recinto e após discutir com um homem uma luta corporal se seguiu levando a arma do homem, Kemberley, disparar contra ele mesmo.

No vídeo, Noah aparecia recuando ao ver o corpo caído jazido sem vida, levanta as mãos assustado e então olha para câmera em tom de medo e perplexidade. Exultante com aquilo Noah então corre saindo do

campo de visão da câmera, mas não sem deixar rastros de seu DNA na cena do crime.

Todavia o Noah detido recusava-se a acreditar naquilo. Ao ser recebido por seu advogado argumentou que tudo deveria ser uma trama o qual armaram para ele afim de impedir seu ativismo contra a iminente ciência intemporal. Mas aquilo não convenceu, em poucas semanas Noah fora julgado e condenado a ir para a prisão passadina em remotos tempos pré-históricos.

Conduzido por dois policiais seu advogado lamentou o caso uma vez que todos seus esforços legais não surtiram efeito ante as irrefutáveis evidências, mas Noah jurava inocência o que tão logo passou a ser encarnando entre os demais condenados a serem transferidos como o bordão predileto de todos eles.

Naquele dia os homens foram conduzidos doravante a área de transferência dimensional, um enorme e luminoso saguão o qual uma imponente máquina prendia os condenados em cadeiras até que fossem translocados até seu lugar de repouso final como exilados dimensionais de seu mundo. Havia uma plateia e testemunhas que verificavam a transferência enquanto num grande telão eram exibidas imagens dos condenados e seus respectivos crimes num tom de humilhação coletiva.

Noah fora levado lentamente pelo corredor atrás dos demais condenados até chegar aquele saguão quando vira a oportunidade de sua vida. Um guarda parecia relaxado com uma arma em seu coldre enquanto cruzava os braços. Sem pestanejar, Noah ainda que algemado saiu da fila e com envoltura pulou sobre o guarda pegando-lhe a arma.

Assustando a todos os demais encarcerados, que saíram de fila se espalhando pelo saguão, Noah empunhando a arma apontou-lhe para o guarda obrigando licenciosamente o operador que regulava o vórtice ao tempo e dimensão preterida a modificar os ajustes permitindo com que ele fugisse através dos tempos, afinal naquele lugar e tempo condenado estava.

Hesitante o operador ajustou o equipamento para semanas antes de sua prisão e vendo que aquilo era bom Noah assentiu tornando a seu tempo passado e desaparecendo ante todos presentes.

O tempo o qual ele tornou eram poucas horas antes do dito homicídio, e sentindo-se agraciado pela oportunidade viu naquilo a chance de provar sua inocência de modo a impedir o crime e desmascarar o impostor que armou para ele ser condenado.

Noah seguiu detalhadamente as coordenadas do crime, aguardou ansiosamente com que a vítima chegasse ao local, um valentão dono de um estabelecimento comercial que curiosamente era um detrator de Noah. Com um boné, Noah adentrou o recinto a espera do impostor, mas as horas para o crime se tornaram minutos e os minutos segundos sem qualquer presença do suposto homem que se passava por ele. Assim Noah impaciente tirou o boné e acreditando ter modificado aquela dimensão com sua presença no caos viu-se repentinamente abordado pela futura vítima que surpresa ao reconhecer aquele o qual odiava proferiu palavras de ódio.

A discussão esquentou até que o homem tirou uma arma e a empunhando apontou para Noah sob ameaças. Noah sentindo-se ameaçado, mas vendo-se próximo a arma a agarrou e iniciou uma luta

corpo a corpo enquanto o homem exultante vociferava xingamentos e palavras racistas até que um tiro silenciou toda confusão.

O homem caia em seus braços jazido sem vida, seus olhos arregalados fintavam seu rosto como se fosse o vazio, seu sangue esvaia em suas mãos fazendo com que Noah recuasse temerário, ele olhou para suas próprias mãos e em seguida para a câmera e constatou: está consumado o que havia lhe justificado a condenação. Noah enfim cometeu o crime de inexorável destino negativo como choque a todos que finalmente compreenderam a profundidade da situação. Certamente se Noah não tivesse sido preso injustamente ele não teria cometido o crime, mas seria realmente uma condenação injusta uma vez que o cometeu?

www.gersonavillez.jimdo.com



RESPOSTA

Renato P. Sudbrack
Porto Alegre/RS

O grande homem
É o homem do desterro
Não o da homenagem
O homem que se presta ao destino
É o homem do póstumo desvelo
É o ser da casa maculada
Não o da imaculada causa
O ser de grande destino
Não é o grande catedrático
Mas o de espírito menino
O de tez corada
O de sulco profundo
O grande homem olha ao horizonte desde a murada
E ao invés de ver grandes feitos
Não vê nada
Enternece-se com a alvorada
Com as dos pássaros revoadas
Não diz nada
Faz de cenho seu caminho
Faz desenho por destino



SEM SINAL

Maria Rosa de Miranda Coutinho

Joinville - SC

A mulher rude e de poucas palavras havia enfim decidido fazer parte do mundo tecnológico. Esquecida pelo tempo, pois apenas trazia alguns fios brancos de cabelo e conservava uma pele ainda jovial, esqueceu-se ela também de se atualizar no novo século que chegou muito depois do seu nascimento, de sua vivência de infância e de um difícil amadurecimento.

Maria foi o nome que recebeu e nada mais a ele foi acrescentado. Estava escrito somente em seus documentos e talvez um dia seja inserido em sua lápide.

Na velha casa, separou suas economias. Contou e recontou cada nota de dinheiro que guardava no fundo da gaveta de sua cômoda.

Herdou de sua família a cansativa atividade de feirante e embora reservada, sabia oferecer as muitas hortaliças que cultivava em seu quintal com o valor apropriado. Não conseguia, contudo, imaginar quando abandonaria tal lida.

Maria caminhou algum tempo pelo centro da cidade até deparar com a loja pretendida. Entrou cabisbaixa sem dirigir-se a ninguém. Tinha receio dos olhares e das perguntas. Sua linguagem revelava seu desconhecimento à modernidade, o que a colocava em um universo à parte.

Os estranhos objetos estavam lá, expostos nas vitrines tão alheios a tudo quanto aquela mulher. Sua solidão, apressada pela viuvez

precoce, fez dela ainda mais indiferente às novidades urbanas, e agora estava ali envolta ao que não conhecia.

Subitamente foi interrogada sobre sua busca. Desafiada pela insistência da vendedora, Maria relatou sua intenção:

– Quero comprar um telefone.

– A senhora tem algum modelo de celular de sua preferência?

– Não conheço bem esse negócio – Justificou asperamente a mulher.

Diversos tipos de aparelhos lhe foram apresentados que receberam o olhar curioso da cliente. Enquanto examinava cada um, pedia explicações sobre seu uso.

A compra foi fechada, finalmente, e a mulher se retirou carregando o pacote ¨esquisito¨. A proximidade com a tecnologia, pode-se dizer que apenas iniciava. Enquanto isso, Maria abraçou a rua com uma fisionomia mais confiante.

Seu retorno não fora percebido pela vizinhança que pouco a viam. Sua casa estava como havia deixado: silenciosa, cafona e triste.

Antes mesmo de rever o aparelho comprado, abriu uma das janelas para que a luz do dia entrasse – ainda forte – clareando sua sala. Desembrulhou a caixa com uma delicadeza que não lhe era comum e esquecida das orientações da vendedora, tratou de procurar o papelzinho onde anotou os passos para o correto manuseio.

Ensaiou a digitação de números aleatórios com os dedos grossos e quase sem tato. Num primeiro momento quis apenas brincar com as teclas do aparelhinho sem qualquer objetivo. Familiarizou-se com os comandos, mas ainda sem entender muito bem todos eles. Estava farta

da brincadeira e numa fração de segundos ergueu-se da cadeira lembrando-se de regar a horta.

O sol se punha mais rápido naquela estação menos quente, e a mulher enveredou-se pelo quintal determinada a concluir logo a empreitada.

Não saía do seu pensamento a nova aquisição. Buscou na memória algum número para o qual pudesse ligar, sem resultado. Enumerou seus velhos conhecidos, de outras regiões do país, e nada. Encontrou dificuldades para estrear o telefone, e já não era mais a ausência de tecnologia. Enquanto voltava para o interior da casa, refletiu sobre seu isolamento.

O celular estava à mesa. Ao seu alcance. Ligado com a bateria necessária. Inútil para Maria. Quem sabe dali alguns dias descobriria um número conhecido para ligar. A mulher cansada – pensativa – recostou seu corpo em sua mobília ouvindo tão somente a própria respiração.



Sob Vênus e Marte

Iariny Carvalho
Fortaleza – CE

Tudo poderia ter acabado com um beijo e um adeus mas não haviam estrelas naquela noite outubro. Demoraram-se olhando o céu de uma imensidão escura desbotado aqui ou ali por uma nuvem passageira. A moça apoiava o peso do corpo no muro baixinho da casa. O rapaz, em pé com as mãos atoladas nos bolsos da calça amarrotada. Uma a uma as vizinhas recolhiam suas cadeiras das calçadas, despediam-se umas das outras e enfiavam-se nos universos fechados de suas casas. Antiga tradição. Apenas uma velha numa cadeira de balanço que tricotava lentamente alguma coisa escura permaneceu com o gato aos seus pés. Chamavam-na de bruxa. Restara apenas ela e o casal que olhava bobamente o céu de outubro. É nesse momento que você vem caminhando pela calçada em declive, distraído, sentindo o vento que começa a ganhar força. Você caminha distraído porque existe um turbilhão de coisas na sua mente e não há espaço para a paisagem daquela rua pobre do subúrbio, onde só restaram uma velha louca com seu tricô e o gato e um jovem casal que de amor, talvez você pense, não conhece nada. Talvez você ria ou fique com medo. Medo? Exatamente. A rua está vazia, ou quase. Mas você está tão cansado e todo o cosmos parece entrar em colapso dentro de você. Seu cosmos interior. Todo um universo comprimido, isolado, curvando-se e expandindo-se. Seu corpo exausto cai sentado na calçada fria e você olha o céu com os dedos entrelaçados. Você está tão cansado. De que, mesmo? O céu está bonito. Tantas estrelas, tantas luzes. Bem que alguma poderia vir até você. Deus é um pouco injusto, hem? Tantas luzes lá… Mas você apenas escuta o vento e o murmúrio da conversa do casal. As agulhas do crochê chocam-se a cada ponto. Um metrônomo, você pensa. O rapaz colhe duas flores da planta ao pé do muro e a entrega para a moça que rir e as leva ao nariz. Você sorrir porque sabe que aquelas flores não cheiram muito bem. Mas a moça sorrir e agradece. O céu está tão mais bonito. As estrelas parecem descer, tão próximas e brilhantes. Estaria Deus abandonando seu momentâneo egoísmo? Ele tem tantas luzes. Os olhinhos da velha passeiam pelo casal até você, cansado, sentado naquela calçada como se estivesse esperando um milagre. Talvez você esteja. Das luzes, duas você ama mais que tudo. Uma dourada tão

grande. Ela não é furta cor como as outras. Certa vez disseram que é um planeta. Vênus. E a outra, um pontinho tão vermelhinho e distante, tão triste, disseram que é Marte. Você as ama porque disseram que as estrelas estão todas mortas e os planetas estão vivos. Mas elas não estão lá. Não hoje. Mas é outubro! As vozes do casal ficam mais altas e o metrônomo mais compassado e a manta escura que a bruxa tece, desce pelos joelhos magros dela. Tão grande aquela manta. Para que ela tece algo tão grande? Ela sorri e você reza. Tão pequeno, você. Sem nome e sem voz com a cabeça sobre os joelhos. Você chora. O cosmos explode em lágrimas e soluços. Você sente seu interior caindo e afogando-se numa nebulosa distante. A linha de sua vida parece emaranhar-se por completo e voltar ao princípio de tudo. Depois, veio a paz. O universo está escuro apenas com uma neblina branca, poeirenta e leitosa. Seu universo interior está escuro e pacífico. O metrônomo cessa. Você levanta a cabeça e a bruxa está de pé estendendo a manta negra cheia de pontinhos brilhantes no ar. Ondulante e leve ela toma forma sobre sua cabeça e o céu é monocromático, ou quase. Agora, restam apenas duas flores murchas no lugar onde estava o jovem casal. Você olha o céu novamente, e lá estão Vênus e Marte, brilhantes como os olhos da bruxa que sorri para você e recolhe-se em sua casa. Resta, por fim, o gato com as duas estrelas que desceram em seus olhos.



SONETO DA MOÇA DE PEDRA

Paulo Rogério Aires Martins

Mossoro-RN

Guardei-a ansioso
No meu coração adolescente
E no amor fantasioso
Aquele desejo irreverente.

Era a moça da janela.
Por que estaria ela
Encravada na pedra?
Seria uma flor da pedra?

Sua encantadora beleza
Continua mirando a mina
E a exuberante natureza.

Cresci e voltei ao pé da serra
Ela de cabelos altos e tiara
Espera vigilante seu amante tabajara.

https://www.facebook.com/paulorogerio.airesmartins



"Tristeza Perfumada"

Morphine Epiphany

São Paulo - SP

Soube da fragrância dos
Enlaces de palavra outra
E inabalável trator de fôlego
Criando voo em gotas
De bandeira liberdade

Soube da receita dos
Perfumes de cabelo azul
E inalcançável sopro de fogo
Salgando pronúncia morta
De trêmula insanidade

Soube do tempero do
Ciúmes de pele ardilosa
E inconfessável pavor trôpego
Cheirando tristeza solta
De fabulosa privacidade

Soube da ausência dos
Crimes de selfie pronta
E incalculável grito sem soco
Beirando lamúria insossa
De matéria intensidade

https://www.facebook.com/cristiane.v.defarias



Um Homem Plural

Alan Posenatto Gandur
Niterói-RJ

Ser apenas um,como é pouco!
e ainda reclamo,
da face que me deram...
Ah! se eu fosse,
duas lésbicas
donas de um antiquário
talvez me faltasse horário
para andar
tão cansado de mim...
ser vário assim
me tornaria interessante?
não ser apenas eu
o mesmo,constante
é o que há de mais irritante...
Ser metade talvez
doesse de vez
não poder ser toda gente?
ter so´a metade
que finge ser contente
me faria esquecer
a que é triste e sem dente?
assim,não sentiria em mim
essa distançia,
de quem tem
 toda sorte de parente...
Uma metade cheia
outra vazia
uma que so´carregasse tristeza
a outra alegria
enfim me bastaria?

https://www.facebook.com/alan.gandur.1?fref=ts

UM RETRATO DE MIM

Maria Beatriz Jurado

Esse olhar de luz cristalizada,
Suspenso da volumetria inconsistente
De fiapos celestes em fuga,
É o de hoje,
Como o foi sendo,
Muito embora.

Como outrora,
Falo e calo
Ainda e sempre
Na proa do arrebatamento,
Na agudíssima vibração
Do desalento,
Tolhida de espanto.

Canto
O equilíbrio imprevisto e sublime
Dos versos do Poeta,
Repetindo-me no estremecimento
Entre pausas e estâncias.

Declino
As minhas circunstâncias,
Em toada consoante,
No ritmo persistente,
De quem, de si,
Mais não sabe,
Nem compreende.

Tão sempre a mesma,
Vaga, perplexa, insegura,
Nem de si senhora,
Não se vislumbrando serva;
De tal sorte perdida,

Na vontade, contrafeita,
Falhados os sonhos
Que, agora, por fim,
Enjeita;
Espera na morte, que augura,
O sentido que suspeita.



Um vago solilóquio

Léo Ottesen

Rio Grande/RS

Um vago solilóquio me enleva pela deserticidade.
Ruas de pedra e terra e asfalto.
Salto do gato.
Brilho de estrelas.
E a companhia sempre presente da ausência.

A lua se cala diante da minha incompreensão.
E da minha reação atônita e exata.
Como se o silêncio sepulcral não fosse algo banal.
Como se eu esperasse alguma resposta
quando em verdade eu nem pergunto nada.

E o que diria, se eu perguntasse, o astro?
Haveria respostas à consciência desperta
ou ao descontentamento incerto?
Ou haveria outro questionamento cego:
por que conversas com uma rocha,
poeta?

É preciso questionar frequentemente nossa própria sanidade
[assim como a nossa existência.

www.facebook.com/leo.ottesen

Variações Da Mesma Mulher: Inverno

Netto Jr
Sorocaba-SP

Ele tirou o vidro de café solúvel da sacola e deixou-o sobre a pia vazia. Encheu um copo de água mineral e colocou no forno microondas. Não havia fogão, nem fogo. Removeu o plástico que cobria um pequeno pacote branco, segurou o cigarro entre os lábios enquanto buscava um isqueiro em seu bolso. Deu um trago profundo, como se fosse o primeiro em muitos anos, encostou-se contra a pia, contemplando as paredes vazias. Não havia mesas, nem cadeiras para apoiar-se. Estava só. O microondas interrompeu o silêncio para avisar que sua água já estava quente, retirou o copo e misturou o café solúvel cuidadosamente, transformando o que era cristalino em um líquido espesso, negro, opaco, depois recolheu os pedaços espalhados e colocou-os no saco de plástico do supermercado: era tudo lixo. Ficou um bom tempo ali, olhando para o nada, sorvendo o café em pequenos goles, enquanto fumava em silêncio, assistindo a fumaça se desfazer no ar....até concluir forçosamente: não era amor.

Apagou negligentemente o cigarro na pia e foi até a sala assistir TV, improvisada sobre uma estante feita de caixas de papelão lacradas por linhas tortas de fita-crepe."

https://www.facebook.com/netto.soares.54?fref=ts



Vezes

Luciane Couto
Contagem/MG

Só dessa vez
ela cedeu
no quarto dos fundos
do hotel decadente
no meio da tarde
quente e úmida.
Ele era todo frescor
em sua negritude e músculos
e ela dizia para si
que seria só dessa vez!
Mas na semana seguinte
ele telefonou
e repetiu o convite
e ela foi, dizendo,
só mais uma vez.
Semanas viraram meses
e ela pensava nas tardes e o queria
mais uma vez
e ela o teve e se deu
pois não só as tardes
eram quentes e úmidas.
Naquele dia, porém,
ele a beijou num adeus
que dizia ser a última vez.
Ele queria sentimento
ela só prazer
mas, fingindo afeto,
pediu a ele
uma outra vez.
Ele cedeu.
Tardes, Fundos, Hotel
Quente, Úmida
Amanhã, talvez, Amor!
Mas hoje, mais uma vez?

Você Já Reparou Nos Olhos Dela? São Assim, De Cigana Oblíqua E Dissimulada

Bia Oliver
São Paulo / SP

Quem nunca ouviu falar de Capitu? Mais precisamente Maria Capitolina Santiago.

> *"Criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheirava a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos".*

Bom, fui "obrigada" a ler Dom Casmurro quando estava no Ensino Médio, deveria ter uns 15 anos e a experiência foi trágica. Sim, eu não suportava aquele livro, foram semanas de amargura e irritação com aquela escrita tão diferente da que eu estava acostumada. Fiz a prova sobre o livro, passei. Como sou teimosa, naquele mesmo ano, meses depois me "obriguei" a ler o livro novamente com um novo olhar e a mente mais aberta. Simplesmente me apaixonei. Este post está dentro de mim desde aquela época, esperando para sair no momento certo e da forma mais conveniente. Acredito que seja agora.

Em Dom Casmurro, Bentinho e Capitu são criados juntos e se apaixonam ainda na adolescência. Mas Dona Glória, mãe de Bentinho, por força de uma promessa, decide enviá-lo ao seminário para que se torne padre. Lá o garoto conhece Escobar, de quem fica amigo íntimo. Algum tempo depois, Bentinho encontra uma forma de se livrar da promessa da mãe e acaba finalmente se casando com a amada Capitu. Escobar se casa com Sancha. Os dois casais vivem tranquilamente até a morte de Escobar, quando Bentinho começa a desconfiar da fidelidade de sua esposa e percebe a assombrosa semelhança do filho Ezequiel com o ex-companheiro de seminário.

A narrativa de Machado de Assis é considerada ambígua por nos fazer acreditar ora na culpa, ora na inocência de Capitu. Ainda há controvérsias se houve ou não a tal traição e muitos estudiosos e leitores já debateram o caso, porém ainda não se chegou a nenhuma conclusão.

Durante todos esses anos eu não me importei com a culpa ou inocência de Capitu, na verdade ainda não me importo (certeza de que ela não traiu o

Bentinho), mas colocando minha opinião de lado percebi o que tanto me incomodava, o que me deixava inquieta durante todos esses anos com essa história dentro de mim: o comportamento de Capitu e o machismo de Bentinho. Sim, Bentinho e Machado de Assis colocaram todo o machismo do século XIX nas costas de Capitu.

Capitu, desde que foi apresentada na história se mostrou dona de si mesma, independente, segura. Essas características eram inaceitáveis naquela época e em muitos lugares no século XXI também, absurdo não?

Por que uma mulher que é dona de si é vista como cigana oblíqua e dissimulada? Por que sua independência e espontaneidade a fazem ser vista com um certo mau caratismo? Por que Capitu foi tão julgada nos últimos 117 anos se tudo o que temos é olhar ciumento e irracional de Bentinho?

Por várias décadas Capitu foi considerada responsável pela desgraça emocional do narrador (Bentinho). Foi declarada símbolo da mulher devassa, impostora. Sério! É para ficar chocada como Capitu ainda é repudiada nos dias de hoje…

Machado de Assis traça o retrato feminino pelo olhar de um homem, que tem em sua mente as duas mulheres de sua vida – a mãe e a esposa – que carregam dois conceitos bem simplistas: a santa e a infiel.

O autor joga com os valores culturais e sociais da época e a condição de mulher é muito clara: ela está presa ao estabelecido. Porém, no discurso reservado, no mais íntimo pensamento, as personagens questionam seus papéis na sociedade e Capitu faz isso com maestria. Ela é a mulher que transcende a simples esposa, mãe e mulher. Ela transpassa o estabelecido, ela se emancipa e se cansa das obrigações sociais e familiares, ela se mantém sempre ativa, é detentora da palavra, não se deixa subjugar e sua espontaneidade a coloca em destaque. Capitu é a menina pobre que se apaixona pelo vizinho rico e percebe logo as sutilezas das relações de favor, por isso representa a mulher punida, a força ferida. É como sempre disseram, a corda sempre arrebenta do lado mais fraco…

Mas nesse caso tenho minhas dúvidas, será que a corda arrebentou do lado de Capitu? Afinal, até hoje ela é a personagem mais emblemática da literatura brasileira, a mulher que preferiu a morte a revelar se cometeu ou não o adultério. Ela é a anti-heroína com olhos de ressaca cassada e que representa muitas mulheres de hoje, por isso Capitu sempre me cativou.

http://www.leiturasecomidinhas.com.br



Xawdoon

Maya Rubinger
Belo Horizonte - MG

Xawdoon, minha terra encantada
País de duendes e fadas
De onde vim
E para onde retorno
Sempre que me sinto só
Não tem endereço
Nem está no mapa
Xawdoon é magia
Melodia
E meu guia é o coração
Sua beleza
Irradia pureza
Da criança que habita em mim
Lá encontro a inocência da infância
Minha infância
Meu pequeno mundo!
Não temos shopping
Nem ricos caros de luxo
A beleza de lá
É como a simplicidade e a pureza
Da poesia de Vinícius de Morais
Ah, minha terra amada
Meus sonhos de menina
Que desejo profundo de te reencontrar...
Mas os anjos diziam
Que só as crianças
Possuíam a chave de seus imensos portões
O que faço agora
Pra voltar a infância?
Ou será que Xawdoon
Cresceu dentro de mim?

www.memoriasdexawdoon.blogspot.com

Zoometarquia

Ramon Carlos
Florianópolis - SC

Chinelos vermelhos
Tramas na geladeira
Quinta da carne
Terça das verduras
Papai e mamãe perderam a posição
Há sangue nas gavetas
Quarta do frango
Sexta da cerveja
Há umbigos roçando desonestos
Cristina chora no quarto escuro
Ao lado da goteira, afirmando:
“O mundo perdeu-se por andar em círculos”
Domingo teatro
Segunda folga
Feriados, sacolas cheias de água
Chico empresta dinheiro para a esposa
Com juros abusivos
Há um frasco de remédio vazio
Pendurado como um guarda-chuva
Na hélice do helicóptero
Urubus são anjos que deram certo
Sábado
A colheita, a colheita, a colheita
Dias, sabores
Quinta da carne
Terça das verduras
Kama sutra além do livro de receitas para colorir
Ingredientes sem giz de cera
Carnes, verduras
Tramas na geladeira
Chinelos vermelhos
O palhaço do semáforo

Após deixar seu nariz de plástico cair
Embute:
"Contudo,
Com nada
Se perde tudo"
Eu deixei as moedas em casa hoje

estrabismo.net



Conheçam e Ajudem a Ong TETO

Thássio Ferreira

A Ong TETO atua em 19 países da América Latina buscando promover o desenvolvimento comunitário das áreas mais vulneráveis dos grandes centros urbanos, com o objetivo de superar a situação de pobreza em que vivem milhões de pessoas.
No Brasil atuamos no Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo e Paraná, buscando em conjunto com as famílias vulneráveis soluções para os problemas que enfrentam, sempre através da ação conjunta (envolvendo voluntários das próprias comunidades e de fora) e do fortalecimento do protagonismo dos moradores em situação de pobreza, para que possam superar a situação em que se encontram e se desenvolver cada vez mais como cidadãos, exercendo seus direitos e deveres!



http://www.techo.org/paises/brasil/

Nosso trabalho inclui:

1) Realização de diagnóstico das características e grau de vulnerabilidade da comunidade identificada como de pobreza extrema e que concorde em trabalhar conosco;

2) Busca por melhorias a curto prazo, como a construção de casas de emergência;



3) Desenvolvimento de Mesas de Trabalho, que são espaços permanentes de debate de problemas e soluções conjuntas a curto, médio e longo prazo;



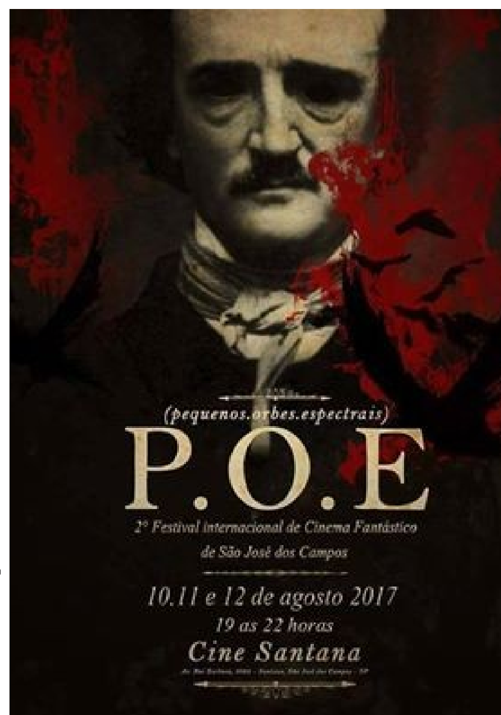
4) Busca de soluções definitivas para os problemas da comunidade, como regularização da propriedade e de serviços básicos, moradias definitivas, infraestrutura comunitária e desenvolvimento local.

No Rio de Janeiro, além de 287 moradias já construídas (116 só em 2016), temos colaborado com a implantação de uma biblioteca comunitária e banheiros secos na Comunidade Jardim Gramacho, a construção de um espaço de lazer com quadra poliesportiva e área comum em Vila Beira Mar, e um projeto de coleta de lixo em Parque das Missões.



https://www.facebook.com/TETObra

Participem do II Festival POE



O II Festival POE de Cinema Fantástico São José dos Campos-SP é um festival de curta metragens com participação gratuita, voltado ao gênero horror, suspense, policial, ação, drama intenso e fantasia, que homenageia o grande mestre Edgar Allan Poe. O festival é idealizado por Danilo Morales, Escritor, Diretor e Produtor da Psíquico Produções e está em sua 2ª edição.

Participem!!

Regulamento

1.1- Festival realizado pela Psíquico Produções – Sendo responsável direto Danilo Arantes Morales. O evento compõe três dias. 11,12 e 13 de Agosto de 2017. Abrigando Mostra de cinema regional (somente vale do paraíba) Mostra competitiva Brasil (Todo o território Brasileiro) e Mostra internacional (Esses filmes devem vir preferencialmente legendados em português. pode vir em espanhol ou inglês).

1.2- O festival tem como objetivo apresentar recentes realizações cinematográficas, aceitando obras a partir de 2015, com duração máxima de 25'. O tema deve ser horror, suspense, policial, ação, drama intenso ou fantasia.

1.3- O período de inscrição será de 14de Março 2017 a 31 de julho de 2017. O envio deve ser por we transfer ou vimeo para o email danilomorales33@gmail.com, o simples envio caracteriza que o responsável pela obra aceita o regulamento vigente.

1.4- O mesmo autoriza fragmentos do vídeo para vídeo divulgação do evento. O diretor deve ainda enviar ao menos uma foto de divulgação do filme no mesmo email. É vedada a inscrição de filmes que já foram

exibidos nos anos anteriores.

1.5- A seleção dos filmes será realizada pelo curador Danilo Morales, e pode contar com o auxílio de juízes nomeados para a função.

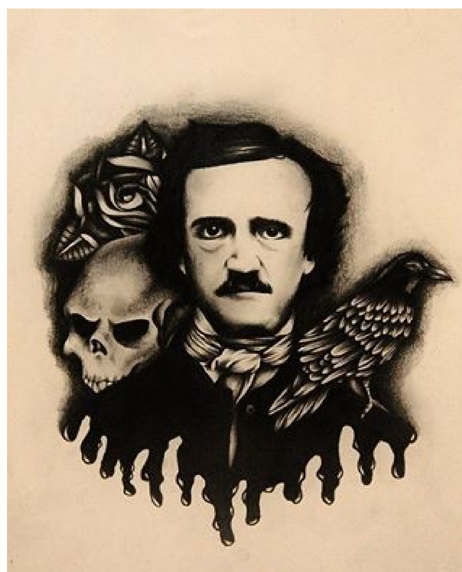
1.6- A mostra regional, o melhor filme será escolhido por voto popular. Na mostra Brasil será júri técnico, composto por 5 membros selecionados pela curadoria. Na mostra internacional pode haver menção honrosa.

1.7- O festival POE não se responsabiliza por questões relativas ao direito autoral, direitos de uso de voz, imagens trilha sonora ou locação no conteúdo dos trabalhos selecionados.

1.8- As decisões finais da curadoria nas mostras competitivas, são irrecorríveis e soberanas. Os casos omissos serão decididos pela direção do festival.

Acompanhem a página do festival no facebook:

https://www.facebook.com/II-Festival-POE-De-Cinema-Fantástico-de-São-José-dos-Campos-1852522401639235



Horror Alternativo – Site Especializado em Terror



Trazendo artigos de qualidade, notícias e matérias especiais sobre filmes e séries, vídeos e agora também contos de terror arrepiantes; o site horror alternativo disponibiliza conteúdo exclusivo e gratuito para todos ficarem por dentro do que existe de melhor no gênero Terror.

Para aproveitar o conteúdo, acessem o site, curtam a página e se inscrevam no canal do youtube:

Site:

http://www.horroralternativo.com.br/em/artigos-especiais

Youtube:
https://www.youtube.com/channel/UCZNiNjkCaortzs3T9M8odyQ

Página do Facebook:

https://www.facebook.com/horroralternativo

Inscrições abertas para o Corvo de Gesso 2017

O Cineclube Jacareí (que neste ano completa 10 anos de existência) é um grupo independente e sem fins lucrativos que promove o cinema, realizando filmes, apresentando exibições públicas toda 5ª feira de graça na Sala Mário Lago, Centro de Jacareí e anualmente organiza o prêmio Corvo de Gesso.

O Prêmio Corvo de Gesso reúne produções amadoras de todas as partes do Brasil e do mundo em várias categorias, que são exibidos durante o ano nas sessões do Cinema de 5ª, ao lado de filmes consagrados e os melhores recebem a estatueta do Corvo Willian, mascote do cineclube.

O 10º Prêmio Cineclube Jacareí – Corvo de Gesso 2017, já está com as inscrições abertas e a participação é gratuita, não percam!

Saiba mais acessando o site, o regulamento e baixando a ficha de inscrição:

Blog: https://cineclubejac.blogspot.com.br/

Regulamento: http://bit.ly/Reg10CorvoCCJ

Ficha de inscrição: http://bit.ly/FICHA10CorvoCCJ



Coletânea Exercício Poético Com Imagem - 3ª Edição

Coletânea com textos de diversos autores (inclusive participantes da revista), reunidos pela escritora *Rosimeire Leal Da Motta Piredda*, todos os textos são inspirados nos quadros da artista *Sonia Nogueira*. A coletânea tem fomato PDF e é distribuída gratuitamente. Acesse os links abaixo para ler ou baixar o e-book e conhecer outros trabalhos das artistas.

E-Book: http://www.rosimeiremotta.com.br/resources/Textosimagem3.pdf

Site Rosimeire: http://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm

Blog Sonia Rodrigues: https://sogueirarte.blogspot.com/



LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades amigas que de alguma forma nos ajudaram ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

"Revista Varal do Brasil" - uma revista criada na Suíça pela escritora brasileira Jacqueline Aisenman, que por sete anos uniu escritores num varal cultural que se estendeu por todo o mundo. Esta revista é a "Mãe" da LiteraLivre.

Leiam as edições:

http://varaldobrasil.ch/leia-as-revistas/



Varal do Brasil®
Literário, sem frescuras

"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.



https://www.facebook.com/casabrasil.li/

"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadatre seu portifólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/





Venha participar da próxima edição!!

O prazo para envio é 20/04

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Os textos enviados fora do prazo serão reservados

para seleções posteriores.



http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre